

Curso a distância

Educação

Física

Educação a

Distância:

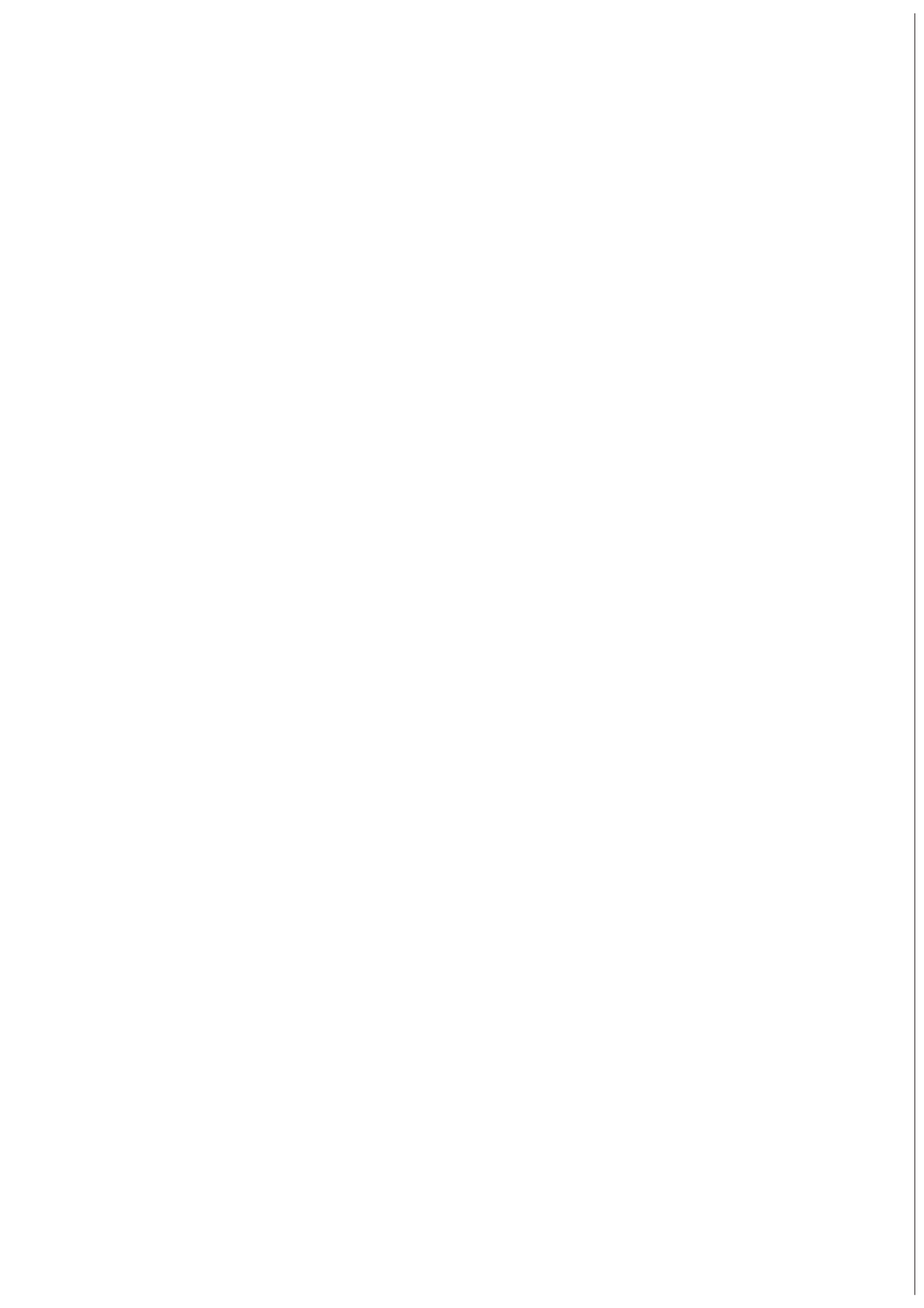
espaços,

movimentos

e relações no

aprender a

aprender



Curso a distância
Educação
Física

Educação a
Distância:
espaços,
movimentos
e relações no
aprender a
aprender



Ministério
da Educação



República Federativa do Brasil
Presidente
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação
Ministro da Educação
Fernando Haddad

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Fundação Universidade de Brasília
Reitor
Timothy Martin Mulholland

Decano de Ensino de Graduação
Murilo Silva de Camargo

Diretor de Tecnologias de Apoio à Aprendizagem
Leonardo Lazarte

Secretário de Administração Acadêmica
Arnaldo Carlos Alves

Coordenadora Pedagógica
Wilsa Ramos

Faculdade de Educação Física
Diretor
Jonatas de França Barros

Coordenadores de Cursos em Educação a Distância
Alcir Braga Sanches
Iran Junqueira de Castro

Universidade Federal do Amapá
Reitor
José Carlos Tavares

Coordenador de Curso EaD
Demilto Yamaguchi da Pureza

Gestora de Projeto
Wanja Corrêa da Silva

Universidade Federal de Rondônia
Reitor
José Januário de Oliveira Amaral

Pró-Reitora de Graduação
Nair Ferreira Gurgel do Amaral

Coordenadora de Educação a Distância
Ângela Aparecida de Souto Silva

Coordenador do Curso
Daniel de Oliveira de Souza

PROFESSORA-AUTORA
Maria de Fatima Guerra de Sousa

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
DO MATERIAL PEDAGÓGICO

Saber EaD Cursos

Equipe de Produção / Saber EaD

Design Instrucional
Cassandra Amidani

Revisão
Sylvia Caldas

Ilustrações
Éder Lacerda

Diagramação
Rodrigo Augusto

Cotejamento e Controle de Qualidade
Elizabeth Dias de Vasconcellos

Projeto Gráfico do Material Impresso
Eron de Castro

Webdesign Educacional e Projeto do ambiente *Moodle*
Marcelo Vasconcellos

Sumário

ÍCONES ORGANIZADORES	6
MUITO PRAZER!	7
APRESENTAÇÃO DO CURSO	9
1 Espaços iniciais	11
1.1 Corpo e movimento	12
1.2 Corpo e cultura	17
1.3 Ampliando os horizontes	22
2 Os movimentos e as relações no aprender a aprender	25
2.1 Movimentos da aprendizagem	26
2.2 Lições sobre a aprendizagem	29
2.3 A aprendizagem significativa	33
2.4 Estratégias e recursos de aprendizagem em EaD	46
Palavras finais	51
Saiba +	52
Referências Bibliográficas	55
Bibliografia Recomendada	57

Ícones Organizadores



ATENÇÃO – No conteúdo, existem conceitos, idéias, lembretes que são importantes. Por isso, sempre que você vir tais destaques, **ATENÇÃO!**



REFLITA – Momento em que você fará uma pausa para pensar nas questões apresentadas e aprofundar pontos relevantes.



HORA DE PRATICAR – Espaço para você fazer exercícios, atividades, pesquisas e auto-avaliações para consolidar o que aprendeu.



SAIBA + – Além dos assuntos essenciais apresentados, o que existe que possa contribuir com o progresso de sua aprendizagem? O **SAIBA +** traz endereços de *sites*, textos complementares, aprofundamentos de idéias, curiosidades sobre os temas estudados.



RESUMO – Finalizando cada Unidade, apresentamos uma síntese dos assuntos abordados para facilitar a visão geral do que foi explorado.



Sobre a autora Profa. Maria de Fatima Guerra de Sousa

Natural de Natal, Rio Grande do Norte. Ph.D em Educação Infantil pela Ohio State University. Mestre em Psicologia Educacional pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília-UnB. Coordenadora de Educação a Distância do Centro de Excelência em Turismo – CET-UnB. Foi Secretária de Educação do Distrito Federal e membro do Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED. Foi Conselheira do Conselho de Educação do Distrito Federal.

Muito prazer!

Iniciei minha vida profissional em Natal, como “professora do ensino primário” na rede pública de ensino. Depois, fui professora do ensino médio – no “Curso Normal” do Colégio Imaculada Conceição e na, então, Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (hoje o Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte– CEFET-RN). Trabalhei no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC-RN e no Serviço de Psicologia Aplicada – SEPA, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e, também, no Ministério da Educação – no Departamento de Ensino Supletivo – DSU/MEC. Posteriormente, na Coordenação de Educação Pré-Escolar – COEPRE/MEC.

Na UnB, já exerci os seguintes cargos: Chefe do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação e Diretora dessa Faculdade (por eleições). Fui Diretora do CEAD-UnB e integrei a equipe da UnB que avaliou o Programa Nacional de Informática na Educação – Proinfo/MEC.

Também fui membro dos Colegiados Superiores da UnB — Conselho Universitário, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE e Conselho de Administração - CAD e das Câmaras de Ensino de Graduação, de Extensão e de Assuntos Comunitários. Integrei o quadro docente das seguintes instituições paulistas: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP, em Rio Claro, Faculdade de Serviço Social de Piracicaba e Instituto Educacional Piracicabano (atual Universidade Metodista).

Apresentação do Curso

Caro(a) aluno(a),

Este texto trata do aprender a aprender em Educação a Distância. Ele foi escrito especialmente para profissionais da área de educação física. Seu pressuposto básico é o de que **a aprendizagem é um movimento inerente à vida e às suas formas de expressão e organização**. Em consequência: ninguém vive sem aprender e ninguém aprende no lugar de outro, embora seja possível aprender com o outro. Precisamos do próximo para a nossa humanização ou para a nossa inserção cultural, nos espaços da nossa existência.

Ao longo do texto assumi uma abordagem abrangente, holística e estratégica situando a metodologia da Educação a Distância – EAD e a aprendizagem em EAD – no contexto da vida. Busquei ensinar e aplicar o afirmado por **Miyamoto Musashi** (ROSENBERG, 2007, p. 4):

A percepção é forte e a visão é fraca. Em estratégia, é importante ver as coisas distantes como se elas estivessem perto e ter uma visão distanciada das coisas próximas.



Miyamoto Musashi.
Famoso Samurai Japonês.

O texto está assim organizado:

Unidade 1 – Espaços iniciais: contextualização dos cenários, ou dos espaços metafóricos (corpo, cultura e movimento) para guiar as estratégias de aprendizagem requeridas no estudo a distância.

Unidade 2 – Movimentos e relações no aprender a aprender: de natureza mais específica, trata mais diretamente dos movimentos e das relações no aprender a aprender em EaD, destacando, também, o sentido da “Aprendizagem Significativa”.

Palavras finais: como sugere o título, apresento algumas conclusões de toda a nossa conversa, que considero provisórias.

Bom trabalho!

Profa. Maria de Fatima Guerra de Sousa

UNIDADE 1

Espaços Iniciais



Corpo... Cultura... Movimento...

Qual a relação entre eles?

O que essa relação tem a ver com o crescimento e o desenvolvimento do ser humano?

E com a aprendizagem a distância?

A proposta que apresento é a de dialogar sobre essas e outras questões. Então, neste primeiro momento, busquei contextualizar os cenários, ou os espaços metafóricos – corpo, cultura e movimento – para nortear as estratégias de aprendizagem requeridas no estudo a distância.

Objetivos

Ao finalizar esta Unidade, esperamos que você possa:

- relacionar corpo, cultura e movimento;
- identificar as relações entre ação-pensamento e as situações cotidianas da vida;
- elaborar estratégias educacionais que contribuam com o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.

1.1 Corpo e movimento

A relação corpo-movimento se insere na história da própria humanidade, desde os embates dos nossos mais remotos ancestrais pela sobrevivência: na caça, na luta ou na fuga, nos movimentos de correr, saltar, arremessar e puxar, entre outros.

Os movimentos são uma parte importante do nosso ser. Eles **são essenciais para o crescimento e desenvolvimento da pessoa**, bem como têm papel relevante para o seu relacionamento com o ambiente que a cerca, desde a fase intra-uterina.

Na etapa da escolarização inicial, jogos e brincadeiras, não sem propósito, são centrais para uma educação infantil de qualidade e, portanto, também para os programas de Educação Física voltada para as crianças pequenas.

Desde cedo aprendemos que, de certa forma, **movimentar-se é comunicar-se**. O corpo se movimenta e fala. Tem uma linguagem própria: a linguagem corporal. Outro aspecto funcional do movimento é que ele é importante para a **aquisição da autonomia**. Isso se evidencia na medida em que crescemos e nos desenvolvemos. Uma habilidade adquirida ajuda no desenvolvimento de outras.



Os movimentos também são importantes para a socialização e o desenvolvimento da linguagem.

Percebeu que, no geral, falamos aqui sobre o binômio corpo/movimento? Contudo, pergunto: será que falamos das mesmas coisas? Explico-me: parei para pensar se o nosso interesse comum pela educação garante que tenhamos o mesmo entendimento sobre os conceitos aqui usados.

Por exemplo, será que damos ao “corpo” os mesmos significados? Pensemos um pouco nisso agora. Suponho concordar, pois, mais do que eu, você sabe que o entendimento do corpo e do seu funcionamento é central para os profissionais da educação física, não é mesmo?

Para começar, responda à pergunta:

Que idéias o conceito de “corpo” lhe traz?

Veja: estamos apenas no começo desse nosso estudo e, como sabe, o “corpo” não é o foco. O destaque será mesmo no como se organizar melhor para estudar e aprender. Melhor ainda, estamos interessados em como estudar e aprender num curso que terá parte significativa da sua estruturação e do seu conteúdo realizada a distância.

Esta especificidade demandará muito de você. Implicará movimentos de estudos e de aprendizagem diferentes dos usados antes em cursos “presenciais”. Muito provavelmente, implicará em mudanças de percepções e de práticas.

Veja: se antes o processo ensino-aprendizagem esteve muito centrado no professor, visto como o detentor das informações e dos conhecimentos a serem “transferidos” para os alunos, hoje se entende esse processo como uma ação compartilhada: uma tarefa de co-autoria na construção do conhecimento.

O professor, como um parceiro mais experiente, realiza mediações específicas junto ao aluno. Esse, por sua vez, precisa ser sujeito da sua aprendizagem. A ele cabe aprender a construir, a seguir e, se necessário, mudar as trilhas da sua aprendizagem. O seu ofício maior é movimentar-se, de modo consciente e planejado, para criar estratégias adequadas para o sucesso no seu aprender.

Ao parar para pensar sobre as idéias associadas à noção de “corpo”, sugiro o seguinte: se possível, comece a fazer uma **anotação mais sistemática dos seus estudos** agora. Por exemplo:

- abra uma pasta específica no seu computador e nela comece a registrar o que achar mais relevante;
- se preferir, anote num caderno o que achar adequado, de modo que sempre que precisar revisar algo, possa localizá-lo facilmente.



Quando disse para responder àquela pergunta sem maiores preocupações, quis deixar claro que, no momento, o objetivo é apenas ajudá-lo a fazer uma sondagem simples. Ou melhor, a ter um encontro consigo mesmo. Quis ajudá-lo a descobrir suas concepções, seus conceitos e suas atitudes em relação ao que estuda.

Dessa experiência, avalie se não seria adequado adotá-la como uma de suas estratégias para estudar e aprender. Isto é: **identificar idéias e conceitos já adquiridos, no que diz respeito ao tema em estudo.**



Uma outra recomendação que faço é a seguinte:

- empenhe-se um pouco mais. Busque não só ver o que já aprendeu, mas procure identificar, também, as suas **crenças e preconceitos**. Isto inclui aqueles possíveis de existir em relação a Educação a Distância.

E por que isso? Por várias razões!

1º) Porque não nos envolvemos com aquilo que não acreditamos. Ora, se bem lá “no fundo do coração” você sentiu que bom mesmo era estar fazendo o seu curso presencialmente, isso pode estar indicando certa desconfiança em relação à seriedade da Educação a Distância – não especificamente em relação a esse curso, em especial, mas à sua metodologia.

Portanto, o seu empenho tende a não ser o mesmo que teria caso o curso fosse “presencial”, pelo menos por enquanto. Mais adiante, com sua mudança de opinião, de atitude e de comportamento, o seu entusiasmo e rendimento serão bem diferentes.

2º) Esta outra razão, derivada da anterior, diz respeito exatamente a essas crenças e preconceitos que dificultam e até impedem a aprendizagem. Não sei se é o seu caso, mas não raro tenho visto pessoas preconceituosas em relação a cursos a distância, embora depois mudem.

Ora, duvidar *a priori* da qualidade de um curso só porque ele é a distância é sustentar uma crença contraditória e equivocada: a de que a “presencialidade” em si garante a qualidade. Se isso fosse verdade, não existiriam insucessos e evasões na escolarização regular (ou presencial), não é mesmo?

Crenças, preconceitos, descrenças e atitudes se relacionam entre si e são aprendidas desde muito cedo na vida. Um exemplo? Trago-o da educação infantil. Aconteceu com uma menina de cerca de cinco anos e meio.



Veja só isso: uma criança de menos de seis anos já aprendera sobre os seus supostos limites, já aprendera a duvidar da sua capacidade de aprender. Infelizmente esse não é um caso isolado. Coisas assim existem e “passam batidas” no cotidiano das salas de aula, até mesmo na universidade.

Quantas vezes nós mesmos desacreditamos da própria capacidade de aprender? Refiro-me, por exemplo, à aprendizagem de coisas ditas “difíceis” para muita gente, tais como: matemática, idioma estrangeiro e dirigir carro. Tal descrença é auto-reforçadora e, de certa maneira, imposta pelo grupo social do qual participamos.

Muitas vezes surgidas no ontem, seus efeitos se fazem presentes no hoje e podem continuar no amanhã e no depois. Ora, devemos ser os primeiros a acreditar em nossa capacidade e a defendê-la.

Somos seres de aprendizagem. Fomos “programados” para aprender. Isso não ocorrendo indica que algo de anormal existe. Ademais, pode não ser o seu caso, mas para muitas pessoas a vida escolar inicial pode ter sido assim: tentou-se ensinar a ler e, no processo, o que se aprendeu foi a não gostar de ler.

Do mesmo modo, é provável que não se considerou uma das mais importantes lições a ser dada sobre a leitura: a que precisa ser



Tal é o seu caso agora. Então, vamos fazer uma reflexão: que leitura você faz de si mesmo e de sua capacidade, e como espera se comportar nesse curso?

feita por nós, sobre nós mesmos. Ou seja: a leitura de quem somos, como e onde estamos, como nos situamos nesse mundo, e como devemos nos comportar nos diferentes espaços e tempos.

Quanto à aprendizagem da escrita, o mais importante a ser aprendido é a que registramos, pessoalmente, na nossa trajetória de vida que precisa ser delineada desde a infância. Então, aos poucos, aprendemos a assumir sua autoria.

Depois, devemos fazer questão de assiná-la com firmeza e segurança. A base dessa trajetória precisa estar longe da humilhação, do medo, do preconceito, da insegurança, do maltrato, do abandono, do sentimento de incapacidade e da baixa auto-estima.



Lembro que esse **curso precisa ter lugar de destaque no seu cotidiano – insira-o no seu “livro da vida”**, no capítulo sobre a sua formação pessoal e profissional. Vida e educação não são coisas isoladas, estanques. Um curso sério como esse não se faz em “sobras de tempo”, é preciso planejar-se para ele.

Há coisas na vida que ninguém pode fazer por você, a aprendizagem é uma delas. Ninguém aprende no lugar de ninguém, ainda que queira. Nesse sentido, a aprendizagem é um processo subjetivo, pessoal, e, por isso mesmo, único.

Bom, vamos retomar a idéia de “corpo”. Como não sei se você continuou a ler, ou se parou para responder àquela pergunta, proponho fazermos uma pausa. Regule e use o tempo que precisar para isso. Decida, também, se quer responder agora ou depois. Se já respondeu antes, pense um pouco mais sobre o assunto. Refletir nunca é demais.

Podemos voltar? Ótimo! Então veja o que pensa em relação ao que se segue.

1.2 Corpo e cultura

Diga-me uma coisa: em sua resposta àquela pergunta, você considerou as relações entre corpo e cultura? Penso que sim, já que a idéia de corpo está interligada na de cultura.

Mas não só, falar sobre o “corpo” é, na verdade, referir-se a uma “explosão de significados” (GIACOMINI, 2004). É difícil separar o corpo da visão cultural e de outras visões. Talvez fosse até mais apropriado falarmos aqui na relação corpo-natureza-cultura e suas relações com a educação (MENDES E NÓBREGA, 2004).

Reflitamos sobre a diversidade cultural...



Como sabemos, cada **cultura** tem suas formas de lidar com o corpo e as suas expressões. Igualmente, as culturas influem nas formas como o corpo deve ser educado, vestido ou revestido, Caso das “mulheres invisíveis” do Afeganistão, enclausuradas em suas burcas.

Determinantes culturais estão presentes, também, na “imagem corporal” que as pessoas formam de si e na avaliação que têm da sua adequabilidade ou não.

Diversidades culturais influem no modo como se espera que meninas e meninos se vistam, se movimentem, se expressem e se comuniquem, nos seus diferentes tempos, espaços e contextos.

O mesmo se aplica aos adolescentes, jovens, adultos e idosos, nos seus respectivos espaços de vida, de comunicação e de expressão. Aplica-se ao homem e à mulher, de modo diferenciado.

Um pressuposto importante para a sua reflexão é considerar que a ação ou os processos humanos são construídos em contextos: no conjunto das condições sócio-históricas e culturais de vida da sociedade onde nos inserimos.

A **cultura** ocorre na mediação dos indivíduos entre si, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico. Daolio (2004:7).



Pensando na influência da cultura sobre as formas de vida e de suas relações com a educação, pergunto: **A cultura pode influir no processo ensino-aprendizagem? Por quê? Como?**

Pense, também, que a espécie humana é capaz de aprender, criar e transformar as formas de sua existência e a própria cultura.

Como você, parei para refletir sobre o significado do “corpo”. Ao fazê-lo, me senti mais perto de você. Na hora, me veio à mente um turbilhão de idéias! Partilho algumas a seguir.

A primeira, por exemplo, foi constatar que o “corpo” vem sendo objeto de estudos em áreas diversas do conhecimento tais como: a Educação (incluo aqui a Educação Física), a Saúde, a Biologia, a Química, a Medicina, a Nutrição, a Sociologia, a Antropologia, a Arte, a Psicologia, a História, a Filosofia entre tantas outras (CHIOUZA, 1995; DANTAS, 1994; GONÇALVES, 1994; LE BRETON, 2006; SCHINDLER, 1994; FOUCAULT, 1987; NÓBREGA, 1999, 2000).



Capela Sistina
<http://commons.wikimedia.org>
domínio público

Em seguida, detive-me naquilo que já falamos: a relação corpo-cultura. Dessa feita, aproximando a cultura, isto é, as formas e expressão de vida e de organização social dos povos e das pessoas, pensei em como a força do físico foi essencial à sobrevivência do homem primitivo em suas relações diretas com a natureza. A partir daí – viajei! Como?

Dei um salto e fui para a antiga civilização grega. Nela vi o valor dado à força e beleza do corpo, símbolo também de *status* social. Vi o reflexo disso nas famosas esculturas gregas. Depois, senti a força da influência dessa cultura ao chegar à Itália Renascentista. Apreciei as belas obras de Michelangelo Buonarroti (1475-1564): das pinturas no teto da Capela Sistina, às belas esculturas como Pietá, Davi e Moisés.

Como um estudioso e observador cuidadoso das formas e detalhes do corpo humano, o artista soube expressar, na pedra bruta, parte da beleza humana: seus movimentos, suas expressões e até mesmo os seus sentimentos.

Mas eu precisava “voltar” dessa viagem...

No regresso, uma triste visão: os contrastes relativos ao corpo. Não que em momentos históricos anteriores não houvesse coisas assim, mas há contrastes impactantes hoje. Um exemplo? Veja:

De um lado, a valorização, por muitos, de uma alimentação saudável para um corpo saudável e bonito.



Do outro, o ultraje: o corpo transformado em mercadoria.



Não mais pela escravidão de outrora, mas por ditames da sociedade atual, tais como: a excessiva preocupação com a estética corporal embalada por um “padrão” de beleza; tudo o que se explora na mídia em relação à imagem do corpo – principalmente o da mulher. Há ainda, a exploração do corpo das crianças pelo trabalho e pela prostituição infantil.

Não raro, vemos a força arrasadora do culto exagerado ao corpo levar ao seu oposto: à sua morte. Tem sido o caso das pobres-meninas-moças que sonharam com uma carreira de modelo e, na busca de uma beleza esguia, imaginada, desejada, acreditada e exigida como ideal, acabaram por encontrar a morte – pela anorexia e as suas conseqüências.

Caso esteja se perguntando: o que isso tem a ver comigo? Por que falar nisso numa disciplina sobre aprendizagem em educação a distância (EaD)? Por que tratar dessas coisas em nosso curso? O que isso tem a ver? A resposta é simples: tudo! Pode até não parecer, mas essas coisas lhe dizem respeito. E sabe por quê?

Primeiro, porque em grande parte são aprendidas. Segundo, porque, como educadores, não podemos deixar de ter uma visão crítica sobre o corpo e os seus usos (e abusos), principalmente no contexto da educação física. Seus profissionais precisam dessa criticidade. Seja pelas contribuições que ela traz para o conceito de cidadania, seja pelo que pode contribuir para as relações teórico-práticas inerentes à formação do cidadão.

Em minha “viagem”, pensei também numa outra realidade: algo que vem de muito longe na história da humanidade, e que tem tido fortes repercussões para a educação em geral, e para o processo ensino-aprendizagem em particular: a falsa **dicotomia** entre o “**corpo**” e a “**mente**”. Uma de suas conseqüências foi bipolarizar a vida e as pessoas, em suas múltiplas formas de existência e de expressão.

Dicotomia. Separação por oposição.

Corpo. Entendido como finito e mortal.

Mente. Associada ao conceito de “alma” e, assim, infinita e imortal.

Por muito tempo, a inteligência passou a ser vista como uma propriedade da “mente”, sem interferência qualquer dos movimentos do corpo e das suas relações com o ambiente. Passou-se a se acreditar na existência de pessoas especiais capazes de “pensar” e outras que só eram capazes de “fazer”. Dividiu-se o indivisível – nós mesmos. Organizou-se uma sociedade dos “mais” e dos “menos” capazes.

Bem, chegou a hora de sintetizarmos o dialogado até aqui. Veja se é coerente afirmar: em relação ao corpo, há todo um imaginário, um simbolismo e um conjunto de representações sociais que foram e são construídos pelos diferentes povos e nações, conforme suas complexas e diferenciadas culturas.

Podemos dizer que, de certo modo, uma síntese alternativa nos é apresentada por Deconto (2007, p. 14), ao dizer:

O corpo está no nascedouro da construção cultural do ser humano. Cada cultura vem ao longo dos tempos desenvolvendo sua própria forma de lidar com o corpo, compondo uma complexa relação imaginário-simbólica que, em última análise, representa um poderoso mecanismo de linguagem.

A diversidade de visões culturais sobre o corpo, bem como sobre “corporeidade” dá-se, assim, sempre, em **contextos específicos e diferenciados**. Essas, ao mesmo tempo em que influem na configuração da construção cultural do ser, deixam as suas marcas, também, na vida social.

Além disso, refletem as concepções e formas de se viver em determinadas épocas e lugares. Isto é: mostram visões, concepções, comportamentos e espaços considerados como adequados ou não, para as crianças, para as mulheres ou para os homens.

Ao aprofundar-se no campo da educação física, você entenderá melhor a relevância do conceito de “cultura”. Daolio (2004) nos esclarece que o movimento renovador da área da educação física – surgido após os anos de 1980 – trouxe a questão cultural para o seu devido lugar.

Daolio (id.) explica que o profissional da área “não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si”, mas com “o ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica”, e conclui:

... o que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza.

O autor entende-o como o principal conceito da área, uma vez que as manifestações corporais humanas surgem na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução – “expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos”.



Brasil — o corpo na expressão artística

No Brasil, também temos a arte que fala sobre o corpo. Expressões artísticas que revelam o nosso povo – as pessoas e os seus contextos de vida. Um nome a ser aqui lembrado é o de Candido Portinari (1903-1962), que se considerava um “pintor social”. Suas obras falam por si mesmo.

Uma delas, por ter sido roubada do Museu de Arte de São Paulo em dezembro passado (2007) e, há pouco, recuperada felizmente sem danos, ficou bem mais conhecida no país: *O Lavrador de café*.

Outras de suas obras nesse gênero são: *Carnaúba*, pintura mural a afresco; *Café*, tinta a óleo sobre tela de tecido (1935); *Mestiço*, pintura a óleo/tela, (1934); *Criança Morta*, Série Retirantes, painel a óleo/tela (1944); *Negra*, pintura a óleo/tela (1950); *Estivador*; *O operário* - pintura a óleo/madeira (1934); *Carregador de Café* – óleo/tela (1935); *Baiana*, pintura a óleo/tela (1940) e *Morro* – pintura a óleo/tela (1933).

José Ferraz de Almeida Jr. (1850-1899),

nascido em Itu, São Paulo, é um outro nome expressivo na retratação do brasileiro e que não pode ser esquecido. De fato, ao lado da sua habilidade artística, foi o primeiro pintor brasileiro a introduzir nas suas telas o homem comum no seu cotidiano.

Diz, por exemplo, a saudosa estudiosa Gilda de Mello e Souza a este respeito, partindo o seu comentário na análise de *O Derrubador Brasileiro*:

É nosso, sobretudo, o jeito de o homem se apoiar no instrumento, sentar-se, segurar o cigarro entre os dedos, manifestar no corpo largado a impressão de força cansada, a que Cândido Portinari parece não ter sido insensível.

Outros comentadores da obra de Almeida Jr. como Aluísio Azevedo e Júlio Ribeiro referiram-se à força muscular e ao erotismo da tela que estamos comentando (Ver a obra Almeida Jr., da coleção Grandes Artistas Brasileiros, da Art Editora Ltda., de 1985, sem autor definido. Sobre *Caipira Picando Fumo* ler Naves, 2005).

1.3 Ampliando os horizontes

Ampliemos o horizonte do nosso movimento em relação à percepção do corpo, e nos aproximemos mais do nosso foco, atentando para um movimento relacional bem específico: o da **aproximação** entre **pensamento** e **ação**. Na verdade, da infância à vida adulta, eles são faces de uma mesma moeda.

Piaget (1970; 1982) e Vygotsky (1988; 1998), ainda que sob diferentes perspectivas, mostraram bem essa dinâmica. Uma observação cuidadosa do comportamento das pessoas, em situações variadas, evidenciaria como isso se dá no cotidiano da vida.

Trazendo o tema mais para perto, pensemos sobre os desportos. Quem é da área sabe o quanto a disposição mental, a consciência de si e a autoconfiança influem nos resultados dos atletas – dos treinos às competições nacionais e internacionais.



Seria um reducionismo equivocado atribuir-se o sucesso de um atleta ou time exclusivamente ao seu preparo físico ou às orientações técnicas recebidas, por melhor que tenham sido.

Identificar as relações entre ação-pensamento e os fenômenos do cotidiano, nos faz ver algo até mais amplo: **pensamento, ação, percepção, sentimentos, afetividade e emoções são partes de um mesmo todo: nós e o processo da nossa existência, em nossos contextos.**

Temos aqui um “fio da meada” para compreender algo simples e, também, complexo: somos, ao mesmo tempo, plurais e singulares. Ambos nos trazem responsabilidades.



No momento, uma delas é você cuidar da sua formação – por você e por quem precisa de você – agora e no futuro. Essa responsabilidade diz respeito, também, ao crescimento da sua área de estudos. Há algo mais: é bom pensar que o aprendido aqui pode fazer toda a diferença para você em termos pessoais e profissionais. Portanto, ponha isto em perspectiva e priorize, desde agora, esse momento do seu projeto de formação.

Aprendemos a cada momento da vida. Ao aprender, não deixamos de ser quem somos. As aprendizagens integram os nossos movimentos múltiplos de ação e de pensamento e não se dão em espaços neutros. A motivação para aprender é algo muito importante que merece ser considerado tanto por quem tenta ensinar, como eu agora, como para quem tenta ou precisa aprender, como você.

Sentimentos e emoções (positivos ou negativos) estão sempre presentes em situações de aprendizagem. Esses, por sua vez, são também aprendidos.

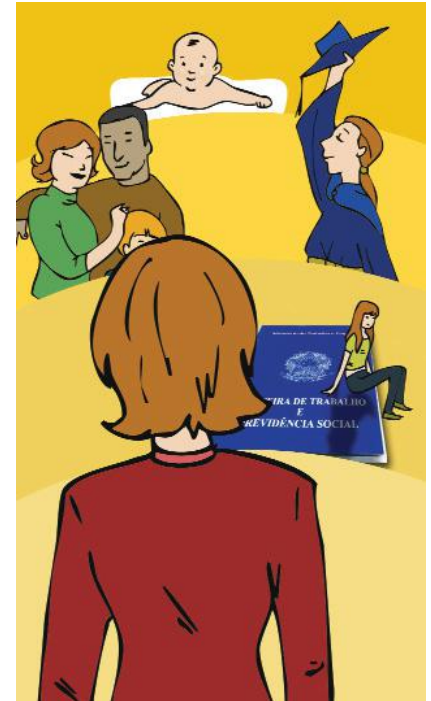
Cada pessoa tem ritmo e modo próprio de aprender, que dependem de coisas como: as experiências anteriores, a natureza do que está sendo aprendido, o tipo de comunicações ou de relações com o outro e com o objeto do conhecimento, e de elementos culturais.

Entender o ensinar e o aprender em termos de **relações, processos, circunstâncias e resultados**, ou melhor, em termos de significados para quem ensina e, principalmente, para quem aprende – se é que podemos ter uma linha demarcadora dos atores ou co-autores do processo ensino-aprendizagem (professor-aluno) – faz toda a diferença em termos teórico-práticos.

No ensino fundamental, por exemplo, antes se falava na alfabetização, na aprendizagem da leitura e da escrita vistas como “habilidades” que precisavam ser ensinadas e aprendidas.

Desse modo, uma das agendas comuns da pesquisa que muito influenciou na prática pedagógica era a chamada “prontidão” para a leitura. Na época, testes para identificar essa prontidão foram amplamente desenvolvidos (BIMA, 1982; PELANDRÉ e DERNER, 1985).

Hoje o entendimento dessas questões é outro. Tem-se valorizado mais a interdisciplinaridade, como as contribuições da sociolinguística para o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005). Intensificaram-se as pesquisas sobre a “psicogênese da língua escrita”, a partir da influência do trabalho de Ferreiro e Teberosky (1986). Passou-se a valorizar as interações e as formas de comunicação dos alunos.



Na educação, interessa não só entender como o aluno aprende, mas, também, como fazer com que a sua experiência de aprendizagem seja significativa. Algo, portanto, que o considere conforme o que deve ser: um sujeito co-construtor do seu conhecimento, histórico, social e culturalmente situado. Isso é, também, o que queremos e esperamos de você aqui:

que saiba se organizar e se planejar para aprender;

que organize e integre os seus conhecimentos;

que seja uma pessoa proativa, sensível e solidária, capaz de interagir com os colegas e demais pessoas do curso, de modo cooperativo e integrado, buscando soluções para problemas, quando for o caso;

que seja uma pessoa participativa, capaz de ajudar a criar e a dar vida a uma rede virtual de aprendizagem colaborativa;

que seja criativo e capaz de identificar, desenvolver e utilizar conceitos e linguagens específicas da sua área de estudos;

que saiba ser uma pessoa ética e socialmente comprometida.



Concluimos a nossa Unidade 1, em que dialogamos sobre a relação existente entre o corpo, a cultura e o movimento.

Vimos que essas relações chegam mesmo a revelar que o sucesso de um atleta não se deve, única e exclusivamente, às orientações técnicas ou ao seu preparo físico, pois existem outras relações muito importantes: pensamento-ações-percepção-emoções-afetividade-sentimento. Tudo isso faz parte do “nosso todo”.

Além disso, identificamos que na diversidade de vi-

sões culturais sobre o corpo ocorrem contextos específicos e diferenciados, e deixa as suas marcas na vida social.

Tais entendimentos nos levam a compreender que o processo do aprender está voltado para se conceber o aluno como um ser aprendente, que também é um sujeito culturalmente situado e co-construtor da sua história social.

Finalizando, tivemos a oportunidade de verificar que as relações entre corpo, cultura e movimento guiam esses pontos, bem como as estratégias de aprendizagem necessárias ao estudo a distância.

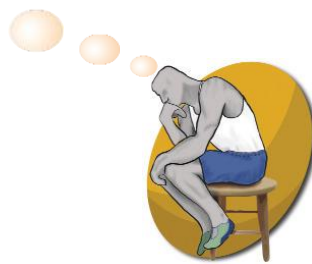
Agora, continuaremos o nosso diálogo, discutindo sobre o aprender a aprender no contexto da vida em geral, e no da EaD em especial. Vamos lá?

UNIDADE 2

Os movimentos e as relações no aprender a aprender

Até aqui, conversamos sobre as relações que existem entre cultura, corpo e movimento e como tais articulações orientam as ações de aprendizagem a distância, não é mesmo? A partir disso, ao iniciarmos a Unidade 2, proponho uma reflexão inicial:

Quais as relações no aprender a aprender, em EaD?
E qual o vínculo entre essas relações e a aprendizagem significativa?



É o que buscaremos ajudá-lo a descobrir, a partir de agora, ao estudarmos os movimentos e as relações no aprender a aprender. É um assunto de natureza mais específica: trata dos movimentos e das relações no aprender a aprender em EaD, destacando, também, o sentido da “Aprendizagem Significativa”.

Objetivos

Ao finalizar esta Unidade, esperamos que você possa:

- compreender o processo ensino-aprendizagem;
- identificar porque a aprendizagem é essencial à vida e ao desenvolvimento da pessoa;
- entender sobre a metacognição e sobre a aprendizagem significativa;
- identificar conexões entre o que aprende e as coisas do mundo;
- elaborar estratégias de aprendizagem adequadas à sua realidade de vida;
- planejar cronogramas de estudo para as disciplinas do curso;
- elaborar estratégias de estudo facilitadoras de aprendizagens.

2.1 Movimentos da aprendizagem

Tenho tentado mostrar aqui a importância da aprendizagem para a vida e que ambas não são coisas distintas. Portanto, não há um tempo para se viver e outro para se aprender. Vive-se e aprende-se e vice-versa. Ou como já consagrado popularmente: “vivendo e aprendendo”.

Do mesmo modo, não há um tempo distinto para a educação e um outro para o desenvolvimento da pessoa. Tudo se movimenta e se integra, a partir da pessoa e das suas relações no contexto onde vive. Integram-se a vida, a educação, a aprendizagem, o desenvolvimento, as pessoas, os seus sentimentos, os objetos e as idéias.



Tenho também buscado ajudá-lo a entender que, enquanto movimento, a aprendizagem não é algo que deva ou possa ser pensado linearmente. É certo que os “novos” conhecimentos se relacionam como os anteriores, mas essa não é nem uma relação direta nem uma linear. Há sempre modificações. Seja no conhecimento prévio, seja na “estrutura cognitiva” que a sustenta, seja na forma de integração do “velho” com o “novo” (conhecimento).

As pessoas mudam. Os conhecimentos mudam. Os contextos também mudam. E isso tudo precisa ser compreendido quando falamos do processo ensino-aprendizagem.

A aprendizagem é complexa, multifacetada e fruto de múltiplas determinações. É também próprio da aprendizagem ser “cumulativa”. Isso, contudo, não significa uma relação de “adição”, mas, antes, um processo de integração de informações e de conhecimentos.

Como vimos, conhecimentos anteriormente adquiridos são relevantes para a aquisição de “novos”. Isso tem influído, por exemplo, quando da organização do currículo escolar, que é ordenado a partir do que se considera como “pré-requisitos”.

Aprender é mesmo algo complexo, porém não impossível! A sua experiência agora mostra isso: você lê, reflete e aprende. Não menos complexo é o estudo sobre o aprender. Este supõe uma visão de contexto. Daí ter me esforçado para ampliar o nosso diálogo, tentando ajudá-lo a situar-se e movimentar-se melhor, no espaço da aprendizagem.

Neste momento, peço que você pense na seguinte questão: pode-se ou não avaliar a aprendizagem? Ainda que se fale, normalmente, na “avaliação da aprendizagem”, isso não ocorre. Quero dizer: deduzimos a sua ocorrência ou não, por meio de **desempenhos**.

As bases de nossas aprendizagens estão na infância e dois dos fortes impulsionadores da aprendizagem são as necessidades e as motivações. A construção de uma atitude observadora, questionadora, crítica e criativa, tem um papel relevante para a aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa.

Isso precisa ser entendido pelas famílias, uma vez que, em geral, os pais são os primeiros e os mais permanentes professores dos seus filhos. Sua influência tende a ser forte, na vida dos filhos.

A propósito, descrevo uma história que sinto não a ter por completo. Ainda assim, vale contá-la. Anos atrás, li que um dos laureados do Prêmio Nobel disse, em entrevista, tudo dever à sua mãe, destacando que, ao chegar da escola, a sua mãe sempre perguntava:



Em geral, essa não é a pergunta que se faz às crianças em situação idêntica. O mais comum é se perguntar: “o que você aprendeu hoje na escola?”, não é?

Perguntar! Perguntar! Perguntar! Eis um movimento importante para o aprendizado. Perguntar – aos outros, a nós mesmos, ao mundo. Você já parou para pensar sobre isto? No como as perguntas são importantes para o avanço do conhecimento?

Outra coisa: já lhe ocorreu que durante boa parte do nosso processo de escolarização estivemos mais ocupados em *responder* a perguntas – do professor, dos exercícios, dos testes, das provas, dos simulados, do vestibular – do que envolvidos na aprendizagem da for-

Medimos os **desempenhos** dos alunos em determinadas atividades e, a partir daí, deduzimos se ele aprendeu ou não. Daí ser relevante se “medir” a aprendizagem em diferentes momentos do processo, bem como usar instrumentos diversificados, representativos e coerentes, para isso.

mulação de uma “boa” pergunta? Pergunta dessas que, de tão boa, acaba por gerar tantas outras?

Uma só pergunta

Gosto de lembrar aos meus alunos que, como epistemologista genético, Jean Piaget dedicou toda uma vida de estudos e pesquisas buscando responder (e, claro, explicar) a uma pergunta principal: “como conhecemos o que conhecemos”? Ou: como se dá o processo do conhecimento? Ou, ainda: como se dá a gênese do pensamento e como ele se desenvolve, na interação do sujeito cognoscente, com o meio onde vive?

Uma pergunta que gerou muitas outras!

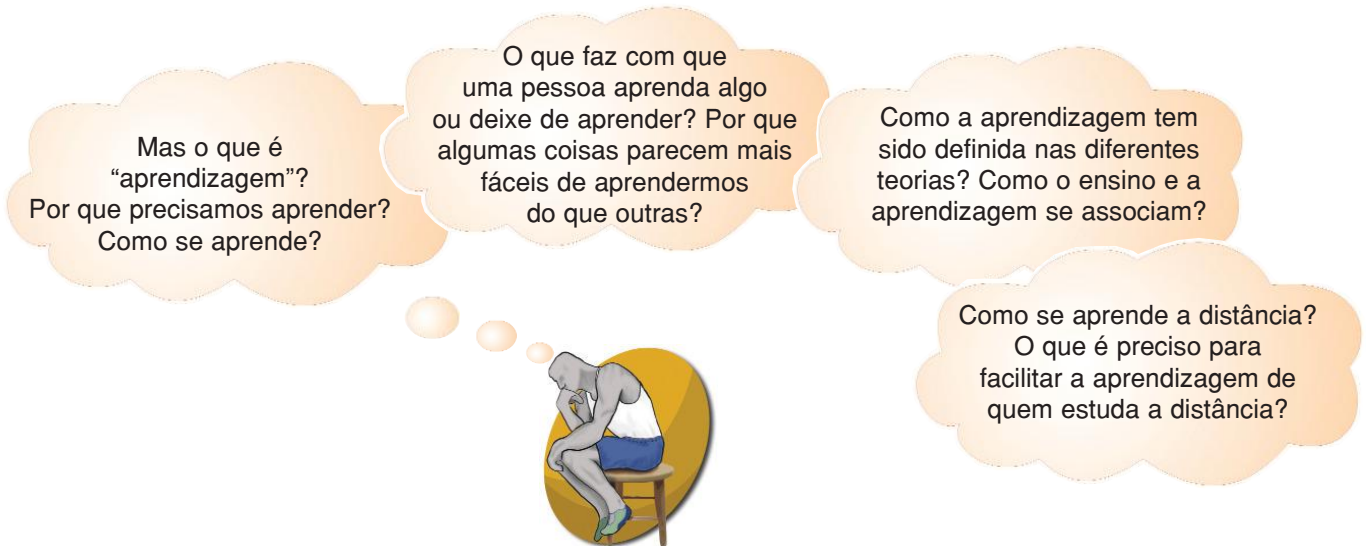
Para ele, o conhecimento não está nem na pessoa, nem no objeto, mas na interação da pessoa com o objeto do conhecimento.

Piaget argumentava a favor de uma educação que capacite o homem para inovar, descobrir e criar. Longe, portanto, de uma simples ação transmissora ou reprodutora de informações e conhecimentos.

A nossa capacidade de aprender em si, já implica outra: a de mudar. Já pensou se não pudéssemos aprender e memorizar o que aprendemos a cada dia? Já pensou se não pudéssemos modificar a nós mesmos, e ao mundo que nos cerca?

Por ser a aprendizagem essencial para a nossa vida, somos, entre a espécie animal, a de maior período de infância. Portanto, temos ampliado o tempo para aprender coisas básicas da vida como: alimentar, pensar, ouvir, falar e se movimentar.

A despeito da sua importância, pouco paramos para refletir sobre a aprendizagem, salvo em situações onde algo nos parece difícil de aprender, como dirigir um carro ou aprender um novo idioma, ou em demandas específicas como agora – a do curso para você.



E então, o que achou dessas perguntas? Coincidem com as suas? Que outra(s) criou a partir delas? Vamos comentá-las um pouco?

Os objetivos e o espaço dessa disciplina não permitem que entremos em detalhes. Portanto, a abordagem aqui será geral. Ao invés de uma discussão teórica sobre a aprendizagem, dialoguemos a partir de algumas “lições aprendidas”. Isto facilitará o seu entendimento do que é aprender. Ademais, não me surpreenderia saber que depois disso, você sentiu-se motivado para pesquisar mais sobre o tema. Vamos lá?

2.2 Lições sobre a aprendizagem



A aprendizagem é essencial à vida

Não somos seres unicelulares, mas seres bem complexos. Ninguém vive sem aprender. Sem essa capacidade não existiríamos, pois a nossa essência biológica não é capaz de responder por tudo aquilo que precisamos para sobreviver.

O que herdamos não nos fornece o que precisamos para existir. A aprendizagem torna-se indispensável para a nossa sobrevivência e adaptação, bem como para o nosso crescimento e desenvolvimento.

Ao nascer, cada um de nós tem um projeto individual biológico a ser desenvolvido ao longo da existência. Do mesmo modo, começa-

mos a construir o nosso projeto pessoal-social, já que somos todos “biologicamente sociais”, ou como diz Vygotski (1998): “a consciência humana tem uma gênese social”.

Temos uma necessidade real – objetiva e subjetiva do outro. Necessitamos de pessoas para nos tornar uma delas, para nos humanizarmos. Para isso, precisamos interagir com o outro, numa teia comum de inserção na cultura do contexto onde nos situamos.

Lição 2



A aprendizagem é essencial ao desenvolvimento

Na psicologia, há toda uma discussão teórica sobre as relações entre o desenvolvimento e a aprendizagem, bem como do papel das nossas relações/interações com o meio. Para Piaget, a aprendizagem é uma função do desenvolvimento psicológico.

Nesse sentido, quando uma pessoa está aprendendo (ou construindo conhecimentos), ela vivencia um processo de equilibração. Isto é, está “assimilando” os “novos” elementos aos seus esquemas mentais, ou “acomodando” as suas estruturas mentais, transformando-as por causa dos elementos que precisam ser assimilados. (PIAGET, 1970; 1976; 1982; 1986). O desenvolvimento, portanto, implica em “equilibração”.

Já Vygotski explica o processo de desenvolvimento a partir de dois níveis básicos: o que considera o “real” – aquilo que a pessoa já conquistou ou desenvolveu; e aquele denominado de “potencial” – aquilo que a pessoa pode chegar, com a ajuda do outro.

Em outras palavras: temos o **desenvolvimento real** e o **desenvolvimento potencial**, e a **zona de desenvolvimento proximal (ZDP)**, que é a distância entre ambos. Há, pois, em Vygotski, uma importância fundamental do “outro”, além dos elementos culturais, para o processo de desenvolvimento. Para ele, a aprendizagem possibilita o desenvolvimento (VYGOTSKI, 1988; 1998).

Apesar de não termos espaço aqui para uma discussão teórica sobre a aprendizagem e o desenvolvimento, é bom entender que



eles se relacionam. Se fizermos algo que antes não sabíamos como fazer, sabemos que aprendemos e, ao mesmo tempo, temos um maior nível de desenvolvimento.

Com isso, ampliamos as nossas possibilidades de adquirir novas aprendizagens e de nos desenvolver ainda mais, não é verdade? É difícil separar essas coisas, não é mesmo? Não poderia ser diferente. É bem difícil pensar na vida como algo fragmentado ou seccionado.

Ambos – o desenvolvimento e a aprendizagem – referem-se às dimensões subjetivas e objetivas do real. Para cada um, o sentido da realidade depende de coisas como percepções, sentimentos e experiências pessoais. Cada pessoa percebe e sente as coisas e o mundo do seu jeito. Do mesmo modo, desenvolve/aprende determinados sentimentos e atitudes em relação a elas. Cada um tem estilos e ritmos diferenciados para aprender, bem como para valorizar o que vê, sente e faz. Ou, em outras palavras, o que vivencia.



Lição

3



Somos todos aprendizes

Vimos que aprendizagens ocorrem desde o ambiente uterino, e continuam ao longo da vida. A rigor, não faz sentido pensar numa pessoa como “incapaz de aprender”. Veja: mesmo uma criança bem pequena, ao chegar numa creche ou pré-escola, já tem um conjunto de experiências e aprendizagens e já desenvolveu capacidades para aprender coisas novas.

Logo se tornará capaz de desenvolver o pensamento simbólico e, portanto, criará símbolos para representar e entender as coisas do mundo, a partir dos elementos da cultura do seu meio.

Assumir que somos todos aprendizes não é o mesmo que afirmar que temos as mesmas capacidades ou possibilidades para aprender. Seria incoerente afirmar isso, já que temos ambientes e histórias sócio-culturais diversificados.



Há, assim, um desafio grande para pais e professores: descobrir o que (e como) fazer para ampliar e valorizar as formas e a diversidade do aprendizado, entre as diferentes pessoas, com personalidades, níveis de desenvolvimento, estilos e ritmos de aprendizagem variados e vivendo em contextos histórico-culturais diversos.

Esse desafio é também seu, pelo menos naquilo que lhe diz respeito mais diretamente agora: estudar e aprender. É preciso aprender a se organizar. É necessário rever a sua agenda de vida de modo a otimizar a sua aprendizagem nesse curso. É importante que você tenha claro o seguinte:

- que tipo de aprendiz você imagina que será ou está sendo nesse curso?
- como vem se comportando?
- o que você constrói, no momento, seja em termos pessoais, seja no âmbito da formação profissional?



Inspire-se em Geraldo Vandré e assuma que: **“Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”**¹.

1. Parte da letra da canção “Pra Não Dizer que Não Falei de Flores”.

Digo isso porque a imagem que temos de nós mesmos e das nossas capacidades influi no modo como realizamos as coisas – imagens positivas, desempenhos positivos e vice-versa. Então, saber sobre o que pensa e espera de você mesmo no curso é parte importante de suas estratégias nele.

Portanto, organize já as suas prioridades e o seu cronograma de estudos que precisa ser cumprido. Considere-o como uma “questão de honra”! Se não fosse por isso, para aprender e progredir no curso, por que estar nele?

Já vai longe o tempo em que você podia se envolver em algo apenas para “ver no que vai dar”. Agora há que se responsabilizar pelas conseqüências de seus atos. Fazer acontecer, no tempo previsto, aquilo que estabeleceu como objetivos e metas.

Lição 4

A aprendizagem tem uma dimensão singular

A rigor, em cada uma das “lições” anteriores, há subentendido, na aprendizagem, a dimensão da experiência pessoal e social de

quem aprende. Destaco agora algo, até já referido, mas que nunca é demais lembrar: **ninguém aprende no lugar de ninguém**. Aprendemos por experiência e da experiência.

Ainda que haja uma base histórico-social e cultural nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento de uma pessoa, do ponto de vista mais subjetivo, cada aprendizagem é única e intransferível.

Podemos, sim, relatá-las ou mesmo tentar que o outro apreenda o seu significado, para nós ou mesmo para ele. Podemos, ainda, apresentar uma ou outra experiência nossa como um modelo a ser imitado. Contudo, permanece o que já sabemos: a impossibilidade de alguém aprender no lugar do outro.

Ninguém está sob a sua pele. Se optar por omissões ou descasos, o fruto disso será colhido por você mesmo. Não se omita. E, sobretudo, seja o primeiro a confiar em si e em suas capacidades e possibilidades de crescimento e de aprendizagem. Busque sempre razões para orgulhar-se do que é e do que faz!

Agora é a sua vez: transforme o seu tempo de estudo em momentos de glória, tantos quanto necessários. Não perca essa oportunidade. Portanto, “não espere acontecer”. Nada realmente importante haverá sem a sua participação consciente e decidida. Se empenhe! Inove e se inove! Ou tire isso “de letra”.

2.3 A aprendizagem significativa

A preocupação com o entendimento do sentido da aprendizagem – ou a aprendizagem significativa – não é nova. Essa é uma discussão que, de certa forma, se insere na da construção da autonomia do aprendiz, indispensável para quem estuda a distância. Essa construção tem sido referida como uma ação auto-reguladora do aluno em relação à sua aprendizagem. Para Perrenoud (1999), essa auto-regulação existe em termos de **capacidades aprendidas**.

Na prática, precisamos ter ferramentas e visão estratégica para exercer essa auto-regulação. Uma primeira ação estratégica é fazer um “**mapeamento do campo**”: situar-se no contexto e identificar a natureza do que precisa ser aprendido. Em seguida, é preciso traçar

Capacidades aprendidas.

Significa que a pessoa aprende a ser capaz de gerir seus próprios “projetos, progressos e estratégias”, seja em relação a tarefas, seja frente a obstáculos.

o destino e definir as rotas que levem ao sucesso da aprendizagem. Depois, é necessário identificar os recursos disponíveis e outros que poderão ser construídos ao longo do caminho.

Em outras palavras: essa auto-regulação supõe que o aluno deseje, de fato, aprender. Precisa da sua determinação pessoal e **planejamento de ações** de curto, médio e longo prazos.

Planejamento de ações.

Envolve coisas como a auto-avaliação, o planejamento do tempo, a integração e a organização de funções mentais, como a memória, a atenção e a concentração. Então, é necessário selecionar, comparar, simbolizar, desenvolver o pensamento crítico-reflexivo, entre outros.

Talvez devêssemos pensar nisso tudo em termos de metacognição. Ou melhor: entender a função das estratégias **metacognitivas** no processo da aprendizagem (DOLY, 1999; RIBEIRO, 2003).

E o que é “metacognição”? Bem, numa primeira aproximação, a metacognição pode ser considerada como a ação consciente da pessoa no uso de suas funções cognitivas ou funções mentais, para fins de aprendizagem.

Na perspectiva da aprendizagem como movimento, é requerido aqui, pelo menos, dois movimentos: um ambiente organizado de modo intencional e caracterizado pela “cultura do pensar”, e um empenho mais pessoal e consciente por parte de quem aprende.

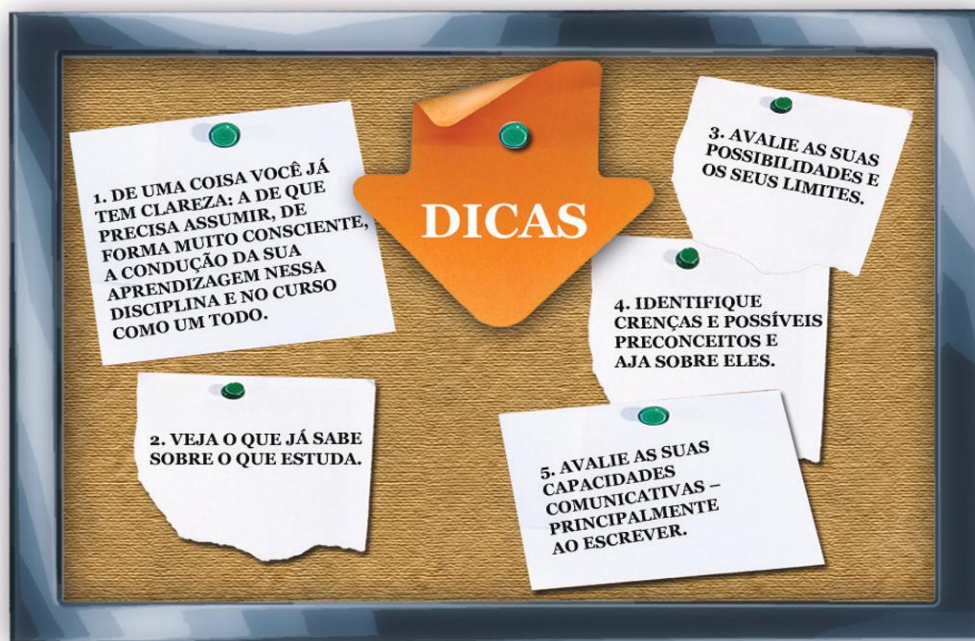
Segundo Paris e Winograd (1990), referidos por Ribeiro (2003), no que se refere à aprendizagem, a metacognição tem dois significados:

1) a avaliação de recursos (auto-apreciação cognitiva) – Inclui:

... a avaliação de recursos ou refere-se a reflexões pessoais sobre o estado dos conhecimentos e competências cognitivas, sobre as características da tarefa que influenciam a dificuldade cognitiva e sobre as estratégias disponíveis para a realização da tarefa (p.114).

2) a metacognição em ação (auto-controle cognitivo) – Refere-se tanto às “*reflexões pessoais sobre a organização e planificação da ação – antes do início da tarefa*” quanto aos possíveis ajustamentos que podem surgir quando da realização da tarefa em si, bem como às “*revisões necessárias à verificação dos resultados obtidos*” (p. 114).

Como você acha que está em termos da metacognição? Para responder à pergunta, vão aqui algumas dicas:



Ao longo do curso você vai precisar se comunicar muito bem por escrito. Não precisa se “apavorar” ou temer essa situação, caso isso não seja ainda algo tranquilo para você. Porém, se conscientize de que só há um jeito de aprender a escrever: escrevendo! O mesmo se aplica à reflexão e à leitura.

A leitura também é muito importante. Leia muito, faça questão de ler o requerido no curso, mas não se limite a isso. Quanto mais você for capaz de ler e refletir, maiores as possibilidades de as suas idéias fluírem quando de sua escrita. Acredite!

Em termos de leitura e escrita, não há como repor o tempo perdido. Não dá para deixar tudo para a “ultima hora”. Mantenha-se atento e motivado. Siga o cronograma das disciplinas. Seja participativo.

Talvez, no momento, lhe veio à cabeça coisas como: “vou pensar muito se fico mesmo nesse curso” ou “acho que vai ser difícil para eu estudar a distância. Além de já ser pouco disciplinado, não consigo organizar bem o meu tempo hoje, quanto mais para as exigências que virão depois com esse curso...”.

Isso soa como algo normal para mim! Estranharia o contrário. Saiba que não é o primeiro nem será o último a sentir e pensar assim. Já vi muitas pessoas passarem por isso e depois se superarem. Muitas delas se surpreenderam consigo mesmas e conseguiram concluir bem seus cursos.

E por que isso seria diferente com você? Por que não pensar de forma positiva em relação ao seu desempenho aqui? Veja: mais sério e comprometedor seria ignorar essa realidade, ou fazer de conta que ela não existe, ou ainda o pior: sequer ter consciência dela.

Pense bem: quantos desafios que, antes, no começo, lhe pareceram bem difíceis, mas depois superou? Quantas coisas assim já ficaram no seu passado e são agora vistas como “missão cumprida”?

Essa será apenas mais uma. Com uma diferença: vai estar mais preparado e, também, não estará sozinho. Somos uma equipe de profissionais trabalhando de modo integrado, para que esse curso ocorra com a qualidade que todos merecemos. Um curso a distância começa bem antes de o aluno ter acesso, pela primeira vez, ao seu material didático.



Duas coisas merecem a sua atenção agora: 1) a experiência é uma grande mestra; 2) toda grande caminhada começa, sempre, com um passo inicial. Esse torna qualquer jornada mais significativa se dado de modo consciente e planejado.

A propósito, deixe-me comentar algumas das idéias discutidas por Davis, Nunes e Nunes (2005) em trabalho sobre “Metacognição e sucesso escolar”.

No final do artigo, por exemplo, as autoras referem-se ao que a própria Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (2001) – reconhece: inúmeros alunos se empenham, mas não vêem isso se refletir na aprendizagem esperada. Tal fracasso não se deveu a problemas cognitivos, mas a “dificuldades metacognitivas”. Em suas palavras:

A raiz do problema parece residir, portanto, menos na falta de saberes e habilidades do que no fato de não conseguirem nem utilizá-los, nem transferi-los para outras situações (p.227).

A partir do pensamento de Flavell (1985), de que “a consciência do que se sabe – e do que não se sabe – pertence ao reino dos conhecimentos metacognitivos”, as autoras dizem o seguinte:

Crianças e adolescentes em situação de fracasso enfrentam dificuldades até mesmo para acionar os processos de controle capazes de guiar sua atividade, com autonomia, na direção do fim almejado. Faltam-lhes métodos de trabalho, motivação e, conseqüentemente, persistência nas tarefas.

É certo que você não é criança ou adolescente. Contudo, isso não significa que não possa sentir-se como eles em situação de fracasso ou de fracasso iminente.

Portanto, esteja atento! Saiba quais são os seus controles ou a auto-regulação da sua aprendizagem. Descubra o que melhor funciona para você, crie as suas estratégias. Quer sugestões para isso? Então aqui vão algumas. Veja o que pode lhe ajudar:

10 dicas para aprender mais e melhor

1 Mantenha-se distante de uma atitude passiva. Aquela de tudo “esperar do professor”, no caso, da organização do curso, do autor e do material didático. Nem sempre será fácil agir assim. Ainda temos traços de “passividade”, quando em situação de aprendizagem mais formal, como agora.

2 Cultive o desejo de aprender.

3 Seja cada vez mais proativo. Não tenha medo se isso implicar coisas a serem superadas e obstáculos a serem vencidos. Tudo valerá a pena. Acredite!

6 Evite armadilhas, agora ou depois. Por exemplo, em hipótese alguma admita atrasos no envio das suas atividades.

4 Tenha a consciência de que nesse curso você nunca estará sozinho. Como já disse, há toda uma equipe de profissionais junto de você.



Quanto mais autônomo você for, melhor estará em condições para pensar estratégias criativas para o seu aprender.

5

Não acumule dúvidas – se não entender algo, pergunte! Recorra ao seu tutor sempre que necessitar. Ele está no curso para ajudar, apoiar e orientar os alunos em relação às disciplinas e estarão trabalhando junto com um professor supervisor.



Não se perca pelo caminho – esteja sempre atualizado com o cronograma proposto para o seu curso.

9

Seja uma pessoa interativa e participativa e faça uso de todos os recursos tecnológicos disponíveis no seu curso.

7 Leia o que lhe é pedido. Busque leituras adicionais.

8

10

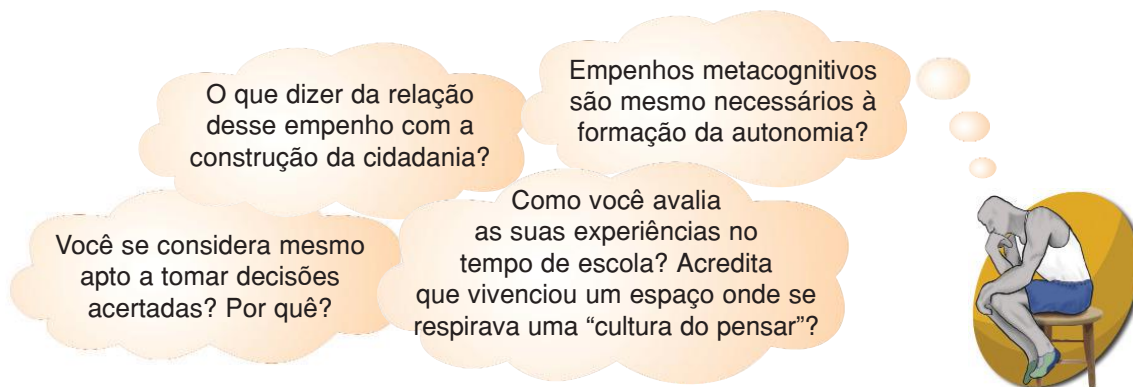
Antes de prosseguir, gostaria de retomar um pouco às discussões de Davis, Nunes e Nunes (2005), em especial, o impacto negativo do fato de os alunos não conseguirem ser sujeitos da própria aprendizagem. Ou seja, a impossibilidade de serem, também, sujeitos “em face da cultura a ser conquistada por intermédio de tais aprendizagens”.

As autoras propõem que a escola se empenhe a mudar isso, para “propiciar, desde sempre, o esforço cognitivo e o desenvolvimento das habilidades metacognitivas, de forma a alcançar a independência intelectual imprescindível ao exercício da cidadania”.

Para tanto, é preciso desenvolver uma “cultura do pensar”, que:

(...) aliando conteúdos, raciocínios e valores, permitirá a formação de pessoas aptas a tomarem decisões acertadas. E isso será consequência por terem aprendido que não é suficiente apenas saber e/ou fazer: a chave está em saber como se faz para saber e como se sabe para fazer.

Qual é a sua opinião em relação a essas coisas? Para mapear melhor esse contexto sugiro que busque responder o seguinte:



A partir dessas reflexões o que acha que precisa fazer agora? Quando vai começar? Antes que diga que há muitas perguntas, prometo que agora farei um fecho desse bloco reflexivo apenas com três questões:

1. O que tudo isso tem a ver com a pessoa que você é hoje?
2. Mudadas essas situações do passado, refletidas por você agora, você seria quem é hoje? No que você seria igual? No que você poderia/gostaria de ser diferente?
3. Por quê?

Penso que agora podemos focar a atenção no sentido do termo “aprendizagem significativa”. Ele tem sido usado por diferentes autores, tais como David Ausubel; Joseph Novak; Carl Rogers e Fink, sob diferentes perspectivas.

A teoria de Ausubel (1968, 1978, 1982, 2003; AUSUBEL et al.,1986) sobre o aprendizado significativo tem base construtivista. Ela busca explicar como os conceitos são construídos ou aprendidos pelo estudante. Trata-se da natureza e lógica da organização da estrutura cognitiva referente à aprendizagem, a partir dos conhecimentos prévios.

Para o autor, “...o fator único mais importante influenciador da aprendizagem é o que o aprendiz já sabe. Certifique-se disso e ensine de acordo” (AUSUBEL, 1978, p. iv). Assim, ao aprender algo “novo” o aluno, deliberadamente, conecta a nova informação a outras já existentes.

Ausubel, Pelizzari e colegas (2002), ao discutirem o que favorece uma aprendizagem significativa, argumentam que é preciso considerar:

- um processo de modificação do conhecimento, em vez do comportamento em um sentido externo e observável;
- reconhecer a importância que os processos mentais têm nesse desenvolvimento;
- disposição para aprender (se o indivíduo quiser memorizar o conteúdo arbitrariamente e literalmente, então a aprendizagem será mecânica);
- o conteúdo a ser aprendido precisa ser potencialmente significativo – do ponto de vista **lógico** e **psicológico**.

Ausubel não referiu-se à idéia de mapas conceituais; já Joseph Novak desenvolveu, a partir do seu referencial teórico, o que chamou de “Mapas Conceituais” (NOVAK,1998; NOVAK e GOWING, 1999).

Num trabalho sobre “Mapas Conceituais e Aprendizagem Significativa”, Moreira¹ esclarece que esses “mapas conceituais” ou “mapas de conceitos” são diagramas indicadores de relações entre conceitos ou entre palavras que usamos para representar conceitos. Ou ainda, “diagramas de significados, de relações significativas; de hierarquias conceituais, se for o caso”.

A parte do **lógico** relaciona-se à natureza do conteúdo em si.

Já o **psicológico** se refere à experiência de cada aprendiz – ele que define o que tem ou não significado para ele.

¹ <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf> (acesso:04.02.2008)

Esses, diz o autor, não devem ser confundidos com diagramas de fluxo ou organogramas, por não implicarem em coisas como: “seqüência, temporalidade ou direcionalidade, nem hierarquias organizacionais ou de poder”.

Ao falarmos da aprendizagem significativa no contexto da educação, penso que uma das perguntas importantes que precisamos responder é a seguinte: **significativa para quem?** Pergunto então a você – qual a resposta para essa pergunta? Caso tenha respondido “para os alunos”, respondeu bem. Contudo, isto é ter apenas uma visão parcial da situação.

O **processo ensino-aprendizagem** é, em sua essência, **relacional**. Embora nem sempre se consiga que a intencionalidade do ensino resulte na aprendizagem esperada, em grande parte, o ensinar e o aprender, no contexto da escola, tendem a ser (ou deveriam ser) processos correlativos. Nesse sentido, tanto as ações mediadoras do professor, como as do aluno, precisam ter significado para ambos.

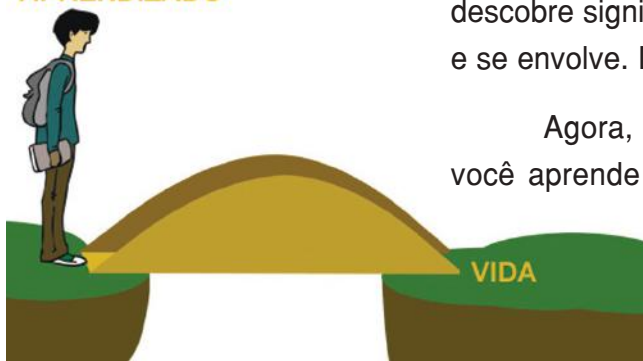
Portanto, há aspectos de **natureza comunal** nessa relação, bem como elementos singulares. Percebeu o porquê de eu ter dito antes que se referir à aprendizagem significativa, apenas do ponto de vista do aluno, é uma visão parcial da situação toda?

Não há dúvidas de que entender o significado da aprendizagem na perspectiva do aluno é muito importante. Quando o professor consegue estabelecer uma ponte entre o que tenta ensinar e aquilo que faz sentido para o aluno, seu ensino tem mais chance de transformar-se em aprendizagem. Já do ponto de vista do aluno, quando ele descobre significados no que o professor tenta ensinar, ele se motiva e se envolve. Desenvolve a sua autonomia.

Agora, por exemplo, é preciso haver conexões entre o que você aprende e as necessidades da sua vida. Nessa perspectiva, aprender é uma busca, ou negociação de significados e de coerências, que envolve tanto dimensões cognitivo-intelectuais como de âmbito mais subjetivo e social.

Natureza comunal.
Significados comuns e particulares se fazem presentes no ensinar e no aprender.

APRENDIZADO



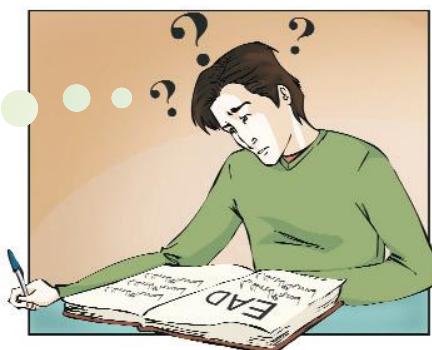
Quando pensamos no caráter singular do sujeito que aprende, algumas perguntas importantes precisam estar contempladas no trabalho pedagógico do professor, tais como:

1. Quem é esta pessoa que está aprendendo? Que interesse e necessidades tem?
2. Que expectativas tem de si, em relação às suas capacidades para aprender?
3. O que já conhece? O que precisa conhecer?
4. Que pontes precisam ser construídas para que eu (e meu conteúdo) chegue nessa pessoa, de modo a despertar nela o desejo e a paixão pelo aprender?
5. Como envolvê-la para permanecer motivada, ao longo da disciplina ou do curso?

É preciso entender a aprendizagem em termos de criação, discussão e reflexão (sobre o que se estuda) e não de “reprodução” e, finalmente, entendê-la como inseparável do processo de desenvolvimento, como um todo (GONZÁLEZ REY, 2006).

Essa perspectiva nos leva a uma dedução lógica: o aluno precisa ser visto e estimulado para ser, cada vez mais, sujeito de sua aprendizagem. Pergunto, então:

Quando um aluno pode ser considerado sujeito da sua aprendizagem?



Se seguirmos González Rey, a resposta é: quando ele é capaz de desenvolver um roteiro diferenciado em relação ao que aprende, bem como consegue se posicionar crítica e reflexivamente em relação à aprendizagem (GONZÁLEZ REY, 2006, p. 40).

Na minha prática profissional, tenho trabalhado com o conceito de **aprendizagem significativa** segundo as concepções de Fink (2003). Para o autor:

Se a aprendizagem é vista não como a aquisição de informação, mas como uma **busca de significado e coerência na vida de uma pessoa, e se enfatiza aquilo que é aprendido e seu significado pessoal para o aprendiz, mais do que no quanto foi aprendido**, os pesquisadores ganhariam novos e valiosos *insights* tanto para o que diz respeito aos mecanismos da aprendizagem, quanto para as vantagens relativas dos modos de aprendizagem, o controlado pelo professor e o controlado pelo aluno. (p. 27) – grifos meus.

Nesse texto, tenho procurado criar situações que possam ajudá-lo a refletir, a descobrir e a criar significados. Finalmente, cada um terá de empregar muito do seu tempo lendo, estudando, refletindo e escrevendo. Será necessário muito empenho: individual e coletivo (no caso dos fóruns, por exemplo), para o movimento do aprender.

Estudar, talvez, não seja uma tarefa fácil, mas isso não significa que não possa ser prazerosa. Nas mediações textuais que faço agora, busco criar caminhos para que a vivência da sua aprendizagem aqui seja plena de significados.

É preciso um tempo reflexivo para que cada um tenha condição de integrar objetos e idéias. Isso explica, em parte, o porquê de tantos questionamentos ao longo do texto. Tudo tem sido pensado não só para que aprenda, mas para que se mantenha motivado.

Para mim, a aprendizagem significativa não pode ser vista apenas como um presente, mas sim como significação ou ressignificação para a vida, no seu todo. Por isso, valorizo a formação continuada das pessoas como um direito, não uma concessão ou um favor.

Aposto, pois, na argumentação de Fink (2003, p. 9) de que quando a aprendizagem é significativa, espera-se que o aluno continue, até bem depois do curso, sendo capaz de:

- Aplicar e usar o que aprendeu em situações reais da vida.
 - Descobrir modos de tornar o mundo melhor e, nele, fazer a diferença.
 - Desenvolver um senso profundo de curiosidade.
 - Envolver-se com a aprendizagem continuada.
 - Vivenciar o “Prazer de Aprender”.
 - Orgulhar-se do que tem feito e ter sucesso em qualquer disciplina ou linha de trabalho que escolher.
 - Sentir a importância da participação (construção) comunitária, no trabalho e na vida pessoal.
 - Ver as conexões entre suas crenças, valores e ações e aqueles dos outros.
 - Pensar sobre os problemas de uma forma integrada (não separada ou compartimentalizada).
 - Perceber a necessidade de mudança no mundo e ser um agente dela.
 - Ser um solucionador criativo de problemas.
 - Desenvolver habilidades básicas à vida, como as comunicativas.
 - Entender e ser capaz de usar princípios do curso que fez.
 - Permanecer uma pessoa positiva, a despeito dos obstáculos e desafios da vida e trabalho.
 - Ser “Mentor” de outros.
 - Continuar a crescer como um pensador crítico.
- Como envolvê-la de modo que ela permaneça motivada, ao longo da disciplina ou curso?

Antes de continuar, pare e pense sobre cada um desses itens. Busque identificar o motivo pelo qual dizemos que em situação de aprendizagem significativa, sentimos maior motivação, envolvimento, entusiasmo, comprometimento e prazer.

Temos, assim, um ambiente favorável para darmos asas à nossa imaginação e criatividade. Ao refletir sobre cada item, assuma uma dupla perspectiva: considere o presente e, também, o futuro. Deixe suas reflexões em aberto. Retome-as quando preciso. Quando necessário, elucidar e avaliar o sentido das suas aprendizagens.

A seguir, me proponho a estar junto nesse começo do seu exercício reflexivo. Depois, você escolhe alguém ou segue sozinho – o que achar melhor, está certo?

Começo perguntando: no seu caso, o que significa **aplicar e usar o que aprendeu em situações reais da vida**? Será que tudo o que leu e refletiu até agora, está tendo sentido para você? Será que é possível, de fato, aplicar o que está aprendendo, na sua vida?

Quanto ao **descobrir maneiras de tornar o mundo melhor e nele fazer a diferença**, entendo como um desafio permanente, se quisermos viver num mundo sem tantas injustiças e desigualdades. Fazer a diferença é tanto instigante quanto exigente. Isso porque, muitas ve-

zes, a luta por um mundo melhor pode nos colocar numa situação de ter que “bater de frente” com interesses escusos, que ferem princípios e valores sociais dignos e democráticos.



Situação assim vê-se na imprensa todos os dias – os descasos, as omissões, a corrupção. Isso para ficar apenas nessas três categorias.

Nesse país, ser um profissional reflexivo e crítico na área da educação é ter que permanecer em estado de alerta, para identificar e combater coisas que não condizem com a construção da sociedade democrática que sonhamos e participamos da sua construção. Por exemplo, em determinadas horas, o embate pela defesa da educação pública torna-se muito forte.

Senti e sinto isso na pele. Não sou a única lutadora. Outros se juntaram e se juntam a nós – “Bem-vindo ao clube”!

Já ouviu falar que “a criança é o pai do homem”? O que isto lhe diz? Para mim é algo forte: diz-nos sobre o quanto as crianças podem nos ensinar se estivermos dispostos a ouvi-las. E, também, o quanto, de fato, elas nos ensinam.

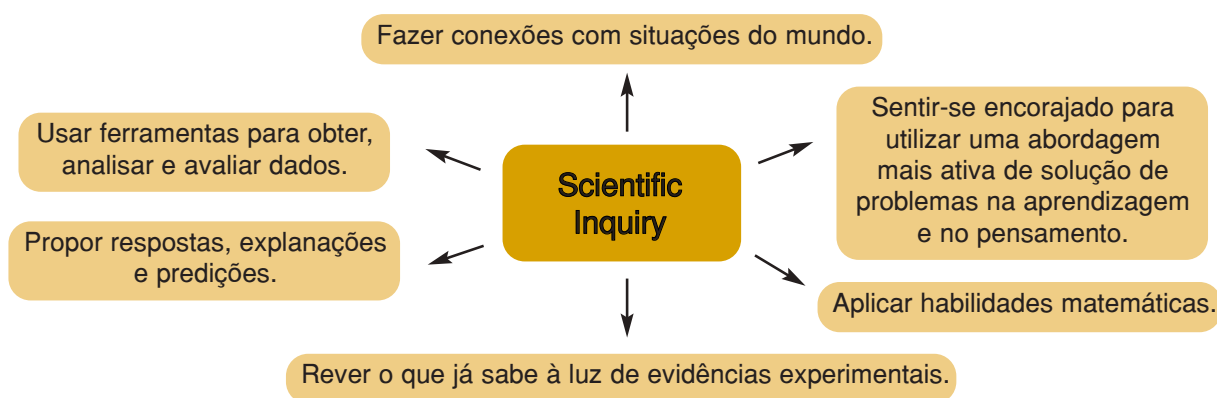
Lembra-se do tópico que se referia ao **desenvolver um senso profundo de curiosidade**? Esse senso está muito presente nas crianças – independentemente da cultura a que pertença. Por vezes, isso irrita o adulto, em especial quando estão na fase dos “porquês”. Isso não deveria ser reprimido. Deveríamos, isso sim, estimular e sempre que possível perguntar a elas: “que nova pergunta você fez hoje”?

No idioma inglês, no campo da ciência, há uma expressão referente à ação de perguntar que se aplica bem ao que quero falar agora: *Scientific Inquiry*. Na educação, isso significa pelo menos duas coisas: 1) um objetivo da aprendizagem – principalmente no ensino que é feito na área de ciências, e 2) a formação de uma atitude questionadora nos alunos. Veja uma definição desse *scientific inquiry*²:

²SCIENTIFIC INQUIRY - <http://www.pwcs.edu/curriculum/sol/scientific.htm> (acesso em: 05.02.2008). Tradução livre.

Ensinar ciência como investigação (ou um questionamento – *inquiry*) dá ao professor a oportunidade para desenvolver as habilidades dos estudantes, bem como enriquecer o seu entendimento de ciências. Na medida em que eles se envolvem como o processo de pesquisa, eles desenvolvem a habilidade de fazer perguntas, investigar aspectos do mundo ao seu redor e a usar as suas observações para construir explicações razoáveis para a questão posta (tradução livre).

As habilidades básicas envolvidas nesse questionamento científico são: observar, classificar e seqüenciar, comunicar, medir, prever, hipotetizar, inferir, definir, controlar e manipular variáveis em experimentação, desenhar, construir e interpretar modelos, e interpretar, analisar e avaliar dados. Quanto à aplicação prática do *scientific inquiry*, é dito que ele pode ajudar o aluno a:



Tome isso para você. Faça questão de, como aprendiz, ter sempre uma postura questionadora. Pergunte mesmo. Busque entender como uma área de conhecimento relaciona-se com as demais. Aja! Seja proativo e busque identificar conexões entre o que aprende e as coisas do mundo, em geral. Explore a abordagem ativa de soluções de problemas. Faça conjecturas. Levante hipótese! Em síntese: movimente-se!

Use muito o “por quê”?! Mas não se esqueça de também perguntar: e por que não? E também: como poderia ser diferente? Que caminhos alternativos são possíveis? O que posso fazer para chegar lá? Uma atitude questionadora faz parte da construção da autonomia da pessoa dentro e fora do contexto escolar, não é mesmo?



Devo uma explicação. Certamente percebeu que explorei mais esse terceiro tópico, do que os anteriores. Sabe por quê? Para que tenha uma visão mais completa de como as coisas que temos estudado relacionam-se entre si. Deu para ver isso? Bom, agora é a sua vez - continue esse exercício reflexivo.

Na seqüência, pense sobre o que se faz presente no **“envolver-se com a aprendizagem continuada”**, e não abra mão disso! É um direito seu – querer crescer e se desenvolver como pessoa e como profissional.

O próximo tópico é muito coerente com tudo o que temos falado: vivenciar o **“Prazer de Aprender”**. Espero que seja o que sente ao ler esse texto. Pelo menos, essa era a intenção.

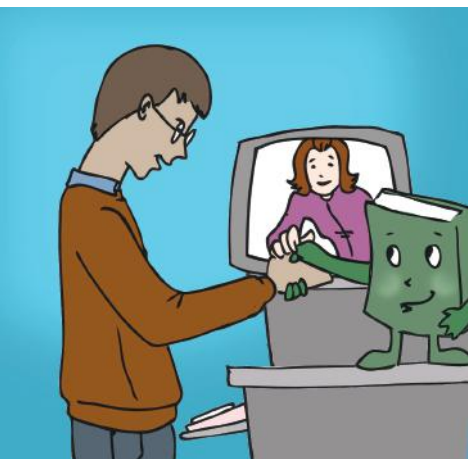
Portanto: descubra o prazer de aprender. Explore esse infinito caminho. Dê a ele a sua cara. Crie as suas cores e formas. Finalmente, como gerenciador – ou “maestro” da sua aprendizagem, defina o que precisa ser os seus passos e compassos. Dê o seu tom, e use todo o seu potencial expressivo na interpretação dessa etapa da sua formação pessoal e profissional.

A seqüência para continuar refletindo você já sabe: orgulhar-se do que tem feito e ter sucesso em qualquer disciplina ou linha de trabalho que escolher; sentir a importância da participação (construção) comunitária, no trabalho e na vida pessoal; ver as conexões entre suas crenças, valores e ações e aqueles dos outros; pensar sobre os problemas de uma forma integrada; perceber a necessidade de mudança no mundo e ser um agente dela e assim por diante.

Pensando bem, nem precisa “respeitar” essa seqüência. Precisa? Crie a sua, do seu jeito! Integre-as à sua maneira.

2.4 Estratégias e recursos de aprendizagem em EaD

Se a sua aprendizagem – nessa disciplina e no curso em geral – precisa ser significativa, isto requer de você, no momento, pelo menos duas importantes coisas que se complementam. São elas: **clareza e atitude**.



No primeiro caso refiro-me à necessidade de você mesmo descobrir como o curso, no geral, e esta disciplina em particular, podem contribuir para que você cuide do seu principal ofício agora: o de **criar aprendizagens, planejando e organizando o movimento do seu aprender**.

Para você, que já ensina, essa é uma aprendizagem que poderá ser muito útil, também, para os seus alunos. Quando nos planejamos para a aprendizagem, e temos uma visão do todo, temos maior condição para chegar a melhores resultados.

Portanto procure, desde já, ter uma visão geral do seu curso e de cada disciplina. A seguir, defina seu esquema de estudos e trabalho e construa o seu cronograma de cada uma das disciplinas do curso. A seguir, proponho um modelo de cronograma. Veja se ajuda a você na montagem do seu.



Cronograma de Estudos da Disciplina
Período de Oferta: (data de início e fim)

Atividades	Semana 1	Semana 2	Semana 3
1. Encerramento da Disciplina			X
2. Envio da atividade avaliativa			X
3. Revisão da atividade avaliativa		X	

Veja que trabalhei do fim para o começo – do encerramento da disciplina, para o seu início. Penso que assim você terá uma visão mais real do que precisa ser feito e de como distribuir melhor o seu tempo.

Não deixe isso para trás! A definição de um cronograma como esse – disciplina por disciplina – pode ajudá-lo a não correr o risco de se perder ao longo do caminho, ou “morrer na praia”. Finalmente, esse curso não é a única atividade da sua vida. Cuidado: não se engane – um cronograma desse só funciona mesmo, se respeitado.

Uma outra estratégia que pode ajudá-lo a planejar os seus estudos é fazer um levantamento real do seu tempo hoje. Analise isso na base de uma semana – o que você normalmente faz nesse espaço de tempo.



Uma ex-aluna, por exemplo, ao levantar o seu tempo semanal regular, descobriu que não teria disponibilidade para estudar. Então criou um tempo extra: passou a acordar uma hora mais cedo, para fazer isso antes do trabalho. Saiu-se muito bem no curso.

Criei um modelo de “Horário” para você. Veja se a sugestão indicada lhe é útil.

Horário Semanal de Atividades							
Horas	Atividades						
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
08							
09							

Feito esse seu levantamento, não se esqueça de considerar, no seu planejamento semanal de estudos, a necessidade de reservar espaços para: o lazer, a atenção à família, o namoro, os amigos. Atente, também, para os imprevistos – trabalhe com uma margem de segurança. Eles sempre ocorrem. Acredite! Quando não se está prevenido para essa possibilidade, isso traz muita tensão no desenrolar do curso.

Falávamos da importância da “clareza” e “atitude”. Aplicando-os, agora, devo insistir no cumprimento do seu planejamento de estudos. Já no que se refere à atitude, falo numa movimentação sua que precisa contemplar coisas que permitam a você:

- descobrir modos de se organizar e construir a sua autonomia, como alguém que estuda e precisa aprender, a distância;
- se estruturar e se organizar para estudar, de modo sistemático;
- não abrir mão desse planejamento semanal;
- fazer questão de ser uma pessoa proativa e participativa e, também, estimular seus colegas de curso para fazerem o mesmo.

Se perceber a ocorrência de “falhas” no cumprimento do tempo que reservou para estudar, só tem uma saída: mude para um outro mais plausível. Assegure-se de que respeitará esse novo horário. Muitas coisas vão competir pela sua atenção. Seja firme na sua determinação! Se precisar, peça apoio aos colegas, aos seus familiares e a outras pessoas próximas, mas não desista!

Essa é uma oportunidade privilegiada e já está em suas mãos. Outras poderão não vir. Esse curso não é um “favor”. Ele é uma conquista e um direito seu. Não abra mão disso. Crie os seus “momentos de glórias”. Ajude os seus colegas a construírem os deles. Vença ca-

da obstáculo. Orgulhe-se de você. Acostume-se a se parabenizar. No final, verá que tudo terá valido a pena.

Uma atitude sempre necessária em educação a distância é estar disposto à **interação** e à **participação**. Esses são movimentos muito significativos para quem estuda e precisa aprender a distância. Interaja com o seu tutor tanto quanto com os seus colegas. Interaja com aquilo que lê. Interaja com a tecnologia disponível. Mas isso não é tudo...

Revedo algumas coisas já ditas, e acrescentado novas, sugiro que a sua interação nesse curso implique coisas como:

- fazer perguntas, sempre, e pesquisar;
- buscar informações adicionais;
- partilhar informações, experiências e conhecimentos nos fóruns;
- evitar assumir uma postura passiva ou acrítica;
- evitar acumular dúvidas;
- evitar atrasos no seu cronograma – quanto ao ritmo de suas leituras, à elaboração e ao envio das atividades avaliativas solicitadas.



Quer uma sugestão de leitura para entender melhor a **função do binômio interação – participação**? Então, veja o trabalho de Verônica Thurmond e Karen Wambach: *Towards an Understanding of Interactions in Distance Education*. Apesar de estar em inglês, recomendo-o por se tratar de uma breve revisão da literatura sobre o significado do termo interação, no contexto da EaD.

http://www.eaa-knowledge.com/ojni/ni/8_2/interactions.htm (acesso em: 12.01.08).



Finalizamos a Unidade 2. Aqui, estudamos temas importantes sobre as manifestações do aprender a aprender em EaD.

Buscamos mostrar a relação existente entre cultura – corpo – movimento – educação.

Constatamos que a aprendizagem é essencial à vida, ao desenvolvimento e faz parte das nossas experiências. Somos, sempre, aprendizes e ninguém aprende pelo outro.

Nessa relação do aprender, vimos algo sobre a metacognição, e que a aprendizagem significativa implica na atribuição de significados pela pessoa, sobre o quê aprender. Vimos a importância que se

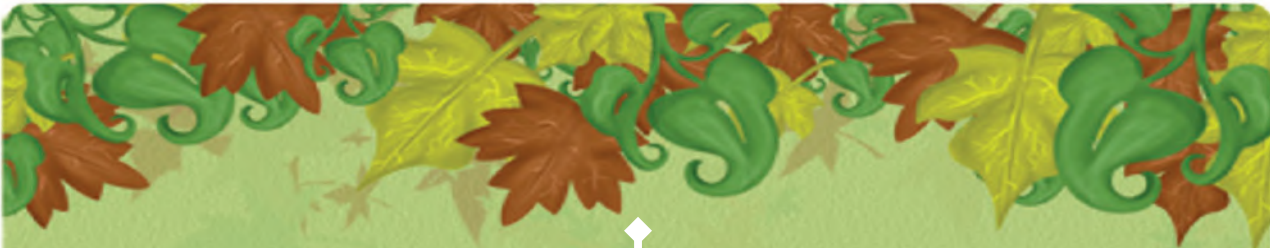
deve dar à disposição para aprender. Falamos, assim da necessidade de haver sentido entre o que se aprende e a vida.

Além disso, é fundamental que você questione, pergunte. A partir das dúvidas, as fronteiras do conhecimento podem se expandir.

Envolva-se com a sua aprendizagem, tenha prazer de aprender. Diante de qualquer dificuldade, envie vários S.O.S. Estudar a distância não é estar sozinho.

Fundamentalmente, comprometa-se com um desempenho pessoal de qualidade e com a conclusão do seu curso. E nem pense em desistir, porque este curso não é um favor que lhe prestam e sim uma oportunidade de “agarrar” o que é seu, por direito!

Palavras finais



Neste momento, procuro realizar um fechamento, uma conclusão sobre tudo o que conversamos. Espero que as reflexões extrapolem o ambiente da disciplina e do curso, e preencham outros espaços da sua vida, inspirando seus pensamentos e a organização das suas ações, no desenrolar dos múltiplos papéis da sua existência.

Ao concluir nosso diálogo, quero que saiba que embora não tenha explicitado, orientei-me pelo conceito de “pertencimento”.

Desse modo, espero ter despertado em você um sentimento positivo em relação à EaD e, também, ajudado a sentir-se um participante efetivo do curso, como alguém realmente insubstituível – ninguém pode ter o seu olhar ou oferecer as contribuições advindas das suas reflexões e experiências de vida.

Precisamos de você entre nós. Nossa filosofia é: “nenhum a menos”.

Portanto, você é uma pessoa indispensável aqui. Sinta-se, assim, parte da equipe que constrói esse curso, e perceba-se uma pessoa desejada e querida. Na educação infantil aprendemos sobre a importância de integrar o “cuidar” e o “educar”.

Partilho isso com você agora. Cuide bem de você e da sua educação. Cuide bem do *seu*, e do *nosso* curso. Essa não é uma oportunidade de qualquer.

É preciso, pois, escolher bem os caminhos da aprendizagem – individual e socialmente. Portanto, se organize para aprender. Sempre que puder, ajude aos seus colegas a fazerem o mesmo. Escolha ser uma pessoa autônoma e feliz. Finalmente, fazemos as nossas escolhas na vida e, ao mesmo tempo, elas nos fazem.

Espero que para você, o nosso diálogo tenha sido uma experiência de aprendizagem significativa, como foi para mim.

Sucesso!

- **Sobre Portinari e Almeida Jr.**

http://www.culturabrasil.org/portinari.htm	http://www.pitoresco.com/laudelino/almeida_junior/almeida_juor.htm
http://www.presidencia.gov.br/criancas/personalidades/Artes/integra_portinari/	http://www.ibmcomunidade.com/lv/portinari/ip/ltlesson.nsf/forPrinting/FF4C0F0E3E031FFC03256CD900642543?OpenDocument
http://www.portinari.org.br/	
http://pt.wikipedia.org/wiki/Almeida_J%C3%BAnior	http://www.cecac.org.br/Artes_Almeida_Jr.htm
	http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2006/ju340pag8c.html

- **Sobre Ausubel – Aprendizagem Significativa – e Novak – Mapa Conceitual.**

MOREIRA, Marcos Antonio. Mapas Conceituais e Aprendizagem Significativa. <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>

DUTRA, Ítalo Modesto. Novas formas de aprender, novas formas de avaliar. <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/nfa/tetxt5.htm>

NOVAK, J.D.; MINTZES, J.J. e WANDERSEE, J.H. (Ed.) (2000). Ensinando ciência para a compreensão: Uma visão construtivista. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

Outros Trabalhos

MASINI, Elcie F. Salzano. Psicopedagogia na escola: Buscando condições para aprendizagem significativa. São Paulo: Loyola, 1993.

MARTINS, Renata Lacerda Caldas. A utilização de mapas conceituais no estudo de física no ensino médio: uma proposta de implementação. Dissertação (mestrado) Universidade de Brasília, Instituto de Física/Química, Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, 2006.

MOREIRA, Marco A. Ensino e aprendizagem: Enfoques teóricos. São Paulo: Moraes, 1985.

NOVAK, J. D; GOWIN, D. Bob; KAHLE, Jane Butler. Learning How to Learn. Cambridge University Press, 1984;

_____. Learning, Creating, and Using Knowledge: Concept Maps(tm) As Facilitative Tools in Schools and Corporations. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

FARIA, Wilson de. Mapas Conceituais: aplicações ao ensino, currículo e avaliação. São Paulo: EPU, 1995 – (Temas básicos da educação e ensino).

MOREIRA, Marco Antonio. Aprendizagem significativa. Brasília: Ed. da UnB, 1998.

_____. A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

_____. MASINI, Elcie F. Salzano. Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

- **Sobre EaD.**

- Em seu “mapeamento geral” para o curso, seria útil compreender um pouco mais Biblioteca Virtual de EAD – CNPq – Prossiga: <http://www.prossiga.br/edistancia/>

- A Biblioteca da Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED <http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=15&UserActiveTemplate=4abed>

Outras sugestões

- Portal do MEC/ Secretaria de educação a distância: <http://portal.mec.gov.br/seed/>

- Acesso ao Documento (em PDF) dos referenciais: http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com_content&task=view&id=62

- Referências gerais sobre EAD no endereço: <http://bve.cibec.inep.gov.br/Biblioteca.htm>

- Entrando no Catálogo de Referências – Dedalus (USP-SP), você encontrará quase 500 referências a trabalhos sobre EAD. Os endereços abaixo são importantes para a sua pesquisa:

- <http://dedalus.usp.br:4500/ALEPH/por/USP/USP/DEDALUS/FIND-A?FIND=Todos&BASE=Todas+as+Bases&VALUE=educa%E7%E3o+a+dist%E2ncia>

- <http://dedalus.usp.br:4500/ALEPH/por/USP/USP/DEDALUS/find-a?>

- A Biblioteca de teses e dissertações da UNICAMP tem muitos trabalhos na íntegra que podem ser trazidos para o seu computador. Não é complicado fazer isso, mas você precisa se registrar informando uma senha e um e-mail válido. Uma listagem dos trabalhos gerais na área da educação você encontra em: <http://libdigi.unicamp.br/document/list.php?tid=27>.

- A parte mais específica sobre EAD está no endereço: <http://libdigi.unicamp.br/document/results.php?words=educa%E7%E3o+a+dist%E2ncia>

- Um outro endereço mais específico da UNICAMP, em relação à educação a distância é o seguinte:
<http://woodstock.unicamp.br/nou-rau/ead/>
- Será útil ler um trabalho bem introdutório e abrangente sobre EAD, de autoria de Ivônio Barros Nunes, com acesso no endereço:
<http://woodstock.unicamp.br/nou-rau/ead/document/?code=3>
- ▶ Há alguns trabalhos sobre EAD – na íntegra, no Scielo. O endereço é:
 - <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>
Se quiser ver a coleção dos temas que se tem na área de educação, comece a sua navegação pelo endereço: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>
- ▶ Uma relação grande de referências de trabalhos sobre EAD você encontra no Portal da CAPES – Banco de Teses: <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/>
- ▶ No espaço de “Assunto”, digite educação a distancia, ou melhor – “educação a distancia”. Ao fazer isso, obtive um total de 1.211 trabalhos (acesso em 05.02.2008).
- **Sobre a função do binômio interação – participação**
Veja trabalho de Verônica Thurmond e Karen Wambach: Towards an Understanding of Interactions in Distance Education. Apesar de estar em inglês, recomendo-o por se tratar de uma breve revisão da literatura sobre o significado do termo interação, no contexto da EaD.
http://www.eaa-knowledge.com/ojni/ni/8_2/interactions.htm (acesso em: 12.01.08).

Referências Bibliográficas

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. *Educational Psychology: A Cognitive View*, 2ª ed. (1978). New York: Holt, Rinehart & Winston. Reprinted (1986). New York: Warbel & Peck.

AUSUBEL, D. P. *Educational psychology: A cognitive view*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston. 1978.

_____. *Psychology of meaningful verbal learning: An introduction to school learning (the)*. New York: Grune & Stratton, 1968.

_____. *A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982.

_____. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. Portugal: Editora Plátano, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

CHIOUZA L.A.; *Corpo, afeto e linguagem*. Buenos Aires: Alianza, 1995.

DANTAS, E. H.M. (org.); *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 1994.

DAOLIO, J. *Educação Física e o Conceito de Cultura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DAVIS, Claudia; NUNES, Marina M. R.; NUNES, Cesara. A. *Metacognição e sucesso escolar: articulando teoria e prática*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a1135125.pdf> (acesso:12.01.2008)

DECONTO, Neuza Maria. *Educação, arte e movimento*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

DOLY, A. M. Metacognição e mediação na escola. In: GRANGEAT, M. (coord.) *A Metacognição: um apoio ao trabalho dos alunos*. Porto: Porto Editora, 1999.

FLAVELL, J. H. *Cognitive Development*. New Jersey: prentice Hall; Englewood Cliffs, 1985.

GRANGEAT, M. (coord.) *A Metacognição: um apoio ao trabalho dos alunos*. Porto: Porto Editora, 1999.

FINK, L. Dee. *Creating Significant Learning Experiences: An Integrated Approach to Designing College Courses*. John Willey & Sons, Inc. San Francisco, CA. 2003.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIACOMINI, Sonia Maria *O corpo como cultura e a cultura do corpo: uma explosão de significados*. Physis: Revista de Saúde Coletiva, 2004, vol.14, n. 2.

GONÇALVES, M. A. S. *Sentir, pensar, agir. Corporeidade e educação*. Campinas, C. P: Papirus, 1994.

GONZÁLEZ REY, F.L. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: Tacca, C (org). *Aprendizagem e Trabalho Pedagógico*. Campinas: Alínea, 2006, p. 30-33.

Le BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Editora Vozes; 2006.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NOBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. *Rev. Bras. Educ.*, Sept./Dec. 2004, no.27, p.125-137. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe27/anped-n27-art08.pdf>

NÓBREGA, T. P. *Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo*. Piracicaba, SP: Tese (Doutorado em Educação), Unimep, 1999.

_____. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito*. Natal (RN): EDUFRN, 2000.

NOVAK, J.D.; GOWIN, D.B. *Aprender a aprender*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1999. (Original em inglês, 1984).

NOVAK, J. D. *Learning, Creating, and Using Knowledge: Concept Maps(R) as Facilitative Tools in Schools and Corporations*. Mahwah, NJ, Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. *Gênese das Estruturas Lógicas Elementares*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

_____. *A Equilibração das Estruturas Cognitivas. Problema central do desenvolvimento*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. *A Linguagem e o Pensamento da Criança*. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

RIBEIRO, Célia. Metacognição: Um Apoio ao Processo de Aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003, 16(1), pp. 109-116.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16802.pdf> (acesso: 09.01.2008)

ROSENBERG, Marc. Strategy Matters. Em: Brandon, Bill (editor), *The e-Learning Guild's Handbook of e-Learning Strategy*, pp. iii-v. Santa Rosa, CA.: The e-Learning Guild, 2007.

SCIENTIFIC INQUIRY – <http://www.pwcs.edu/curriculum/sol/scientific.htm> (acesso em: 05.02.2008).

SHILDER, Paul. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Pensamento e linguagem*. SP: Martins Fontes, 1988.

Bibliografia Recomendada

ARMENGOL, M.C. *Universidad sin classes: educación a distância en América Latina*. Caracas: OEAUNA-Kepelusz, 1987.

BIMA, H. J. *Validade do conceito de prontidão para a leitura e escrita*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, (1982).

MOREIRA, Marcos Antonio. *Mapas Conceituais e aprendizagem significativa*. Disponível em <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf> (acesso: 04.02.2008)

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (2001)

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos; DERNER, Terezinha Bianchini. *A melhoria da prontidão para a leitura e escrita*. Perspectiva, Florianópolis: ano 2, n. 4, p. 87-97, jan./jun. 1985.

PELIZZARI, Adriana; KRIEGL, Maria de Lurdes; BARON, Márcia Pirih; FINCK, Nelcy Teresinha Lubi; e DOROCINSKI, Solange Inês. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. *Rev. PEC*, Curitiba, v.2, n.1, p.39-42, jul. 2001-jul. 2002.

PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

THURMOND, V.; WAMBACH, K. *Towards an Understanding of Interactions in Distance Education*. http://www.eaa-knowledge.com/ojni/ni/8_2/interactions.htm (acesso em: 12.01.08)



Universidade de Brasília



Módulo de acesso - Educação Física a Distância Universidade de Brasília de Brasília de [Educação a distância: Espaços, movimentos e relações no aprender a aprender](#) foi licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição – Sem Derivados 3.0 Não Adaptada](#).

Com base no trabalho disponível em <http://www.fef.unb.br>. Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em <http://www.fef.unb.br>.